

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA - PPGLL

MARCOS ANTONIO DE ARAÚJO DIAS

**AS NOVAS TECNOLOGIAS E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA
INGLESA: O USO DE BLOGS COMO FERRAMENTA DE
ENSINO/APRENDIZAGEM**

Maceió
2014

MARCOS ANTONIO DE ARAÚJO DIAS

**AS NOVASTECNOLOGIAS E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA
INGLESA: O USO DE BLOGS COMO FERRAMENTA DE
ENSINO/APRENDIZAGEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, na área de concentração de Linguística – linha de pesquisa de Linguística Aplicada – para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

Maceió
2014

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário Responsável: Valter dos Santos Andrade

D541t |Dias, Marcos Antonio de Araújo.

As novas tecnologias e a formação do professor de língua inglesa: O uso de blogs como ferramenta de ensino/aprendizagem / Marcos Antonio de Araújo Dias. – 2014.

79 f.

Orientador: Paulo Rogério Stella.

Dissertação (Mestrado em Letras:Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2014.

Bibliografia. f. 60-62.

Apêndices: f. 63-68.

Anexos: f. 69-79.

1. Blogs. 2. Tecnologia da informação e comunicação. 3. Língua inglesa – Ensino e aprendizagem. 4. Língua inglesa – Estudo e ensino. 5. Professores de línguas – Formação. I. Título.

CDU: 802.0-07:37



TERMO DE APROVAÇÃO

MARCOS ANTONIO DE ARAÚJO DIAS

Título do trabalho: "AS NOVAS TECNOLOGIAS E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA: O USO DE BLOGS COMO FERRAMENTA DE ENSINO/APRENDIZAGEM"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Paulo Rogério Stella (PPGL/UFAL)

Examinadores:

Profa. Dra. Waléria de Melo Ferreira, (IFAL)

Profa. Dra. Roseanne Rocha Tavares (PPGL/UFAL)

Maceió, 25 de setembro de 2014.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação

*À minha mãe, mulher forte e guerreira, pois sempre lutou
pela minha educação...*

*Às minhas sobrinhas Alice e Aline, dois anjos
que apareceram em minha vida...*

Aos meus alunos, fontes inesgotáveis de inspiração.

Ao Herbert Nunes, meu irmão, amigo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me fazer sempre acreditar.

À Prof.^a Dr.^a Roseanne Tavares, mulher sábia pela qual terei sempre admiração e respeito.

Ao Prof. Dr. Paulo Rogério Stella, homem que acreditou em mim e aceitou ser meu orientador ainda sem sequer me conhecer. Exemplo de profissional.

Aos colegas de mestrado, Rodolfo Rodrigues e Roseane Leite por juntos compartilharmos angústias e anseios.

EPÍGRAFE

**Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades,
lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que
parecia impossível.**

Charles Chaplin

RESUMO

Nos últimos anos, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) têm dado importantes contribuições ao processo de ensino/aprendizagem. Novos pensamentos e meios de interação têm comumente envolvido aluno/aluno, aluno/professor. Hoje, tem-se percebido que, com o acesso à Internet, o *blog* vem sendo utilizado nas escolas como mais uma orientação pedagógica, principalmente com fins para uma maior integração entre alunos e professores. No que tange às escolas, já se observam *blogs* de autoria individual, ou mesmo de autoria coletiva, como os construídos, por exemplo, por professores e alunos. Nessa inevitável conectividade, analisaremos como essa interface tem interferido no processo de ensino/aprendizagem em uma escola pública da cidade de Maceió/AL. A pesquisa busca refletir acerca da relação entre a tecnologia e a formação crítica do professor, aliando suas práticas às teorias estudadas. O texto está dividido em dois capítulos. No primeiro, podemos observar alguns aspectos teóricos que vão desde a criação de um blog para a realização da pesquisa, perpassando por produções que já haviam utilizado o blog como objeto de estudo e chegaremos à metodologia utilizada na pesquisa. Já no segundo capítulo, apresentamos dados coletados e as várias interpretações em relação ao uso da interface no ensino/aprendizagem de língua inglesa, no tocante ao estudo e à compreensão do léxico por parte dos alunos. Apresentamos também entrevistas realizadas ora na língua alvo, ora na língua materna e nossas interpretações e entendimentos sobre a aprendizagem dos alunos usando o blog como interface. A amostra dá-se com um professor da disciplina de língua inglesa e com os 22 alunos que compõem a turma. Nessa perspectiva, avaliaremos se o uso dos *blogs* tem contribuído de maneira efetiva no processo educativo, levando em consideração a riqueza de material encontrado nesse ambiente virtual, principalmente pela ampliação de noções tradicionais de leitura e escrita dentro das práticas sociais contemporâneas.

Palavras-chave: Blog. Língua inglesa. Ensino/aprendizagem.

ABSTRACT

In recent years, the ICT (Information and Communication Technologies) have made important contributions to the teaching / learning process. New thoughts and ways of interaction have commonly involved student / student, student / teacher interaction. Today, we have observed that with the internet, the blog has been used in schools as another tutoring, mainly for purposes of greater integration between students and teachers. Regarding the schools, there are already blogs individually authored, or even collective authorship mode as constructed, for example, by teachers and students. This inevitable connectivity, consider how this interface has interfered in the teaching / learning process in a public school in the city of Maceio / AL. The research aims to reflect on the relationship between technology and the critical teacher education, combining their practices to the theories studied. The text is divided into two chapters, in the first one we can observe some theoretical aspects ranging from the creation of a blog to this research up to observing productions that had used the blog as an object of study and going to the methodology used in the research, as for the second chapter, we will present the data collected and the various interpretations regarding the use of the interface in the teaching / learning of English language in relation to the study and understanding of vocabulary from the students, we will also present some interviews done in the target language, sometimes in mother tongue and our interpretations and understandings of student is learning using the blog as an interface. The sample is given with a Professor of English and his 22 students which is one of his classes. In this perspective, we evaluate if the use of blogs has contributed effectively in the educational process, considering the amount of material found in this virtual environment, mainly through expansion of traditional notions of reading and writing within contemporary social practices.

Keywords: Blog. English. Teaching/Learning.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Relação de perguntas utilizadas no questionário.....	25
QUADRO 2 – Postagens realizadas no blog e justificativas.....	29
QUADRO 3 – Excerto retirado do texto produzido pelos alunos.....	33
QUADRO 4 – Excerto retirado do texto produzido pelos alunos.....	35
QUADRO 5 – Excerto retirado do texto produzido pelos alunos.....	36
QUADRO 6 – Excerto 5 e 6 retirados do texto produzido pelos alunos.....	37
QUADRO 7 – Excerto retirado de entrevista cedida por aluno 1.....	41
QUADRO 8 – Excerto retirado de entrevista cedida pelo aluno 1.....	41
QUADRO 9 – Excerto retirado de entrevista cedida pelo aluno 1.....	42
QUADRO 10 – Excerto retirado de entrevista cedida pelo aluno 2.....	43
QUADRO 11 – Excerto retirado de entrevista cedida pelo aluno 2.....	44
QUADRO 12 – Excerto retirado de entrevista cedida pelo aluno 2.....	46
QUADRO 13 – Excerto retirado de entrevista cedida pelo aluno 2.....	47
QUADRO 14 – Excerto retirado de entrevista cedida pelo aluno 2.....	48
QUADRO 15 – Excerto retirado do diário de aula 01.....	49
QUADRO 16 – Excerto retirado de entrevista cedida pelo aluno 3.....	50
QUADRO 17 – Excerto retirado de entrevista cedida pelo aluno 3.....	52
QUADRO 18 – Excerto retirado de entrevista cedida pelo aluno 3.....	52
QUADRO 19 – Excerto retirado de entrevista cedida pelo aluno 4.....	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CMC	Comunicação Mediada por Computador
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
MSN	<i>Microsoft Service Network</i>
OCEM	Orientações Curriculares para o Ensino Médio

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	BLOG: DAS ORIGENS À CONCEITUAÇÃO.....	14
2.1	Da criação e caracterização de um <i>blog</i>	15
2.2	As teorias de Freire, Piaget e Vygotsky e suas relações com usos de <i>blogs</i> na escola.....	17
2.3	<i>Blog</i> : uma necessidade de criação coletiva.....	19
2.4	Conectados ao estudo de caso: estudos e pesquisas com <i>blogs</i>	22
2.4.1	Do processo da pesquisa.....	25
3	BLOG X SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE INTERATIVIDADE	29
3.1	A análise das produções textuais resultantes da interface aprendizagem/ <i>blog</i>	31
3.2	Discutindo os <i>podcasts</i> : a oralidade como fator revelador de deficiências na fala dos estudantes de Língua Inglesa.....	40
3.2.1	O outro lado da oralidade: a análise das entrevistas dos estudantes de língua inglesa e sua implicação na língua materna.....	50
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
	REFERÊNCIAS.....	60
	APÊNDICES.....	63
	APENDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C. L. E.)	64
	APENDICE B – Questionário 2	66
	APENDICE C – O <i>blog</i>	68
	ANEXOS.....	69
	ANEXO A – Tabela das normas para transcrição (MARCUSCHI, 2003a – 2001) ...	70
	ANEXO B – Produção textual de aluno 1.....	71

ANEXO C – Produção textual de aluno 2.....	72
ANEXO D – Produção textual de aluno 3.....	73
ANEXO E – Produção textual de aluno 4	74
ANEXO F – Produção textual de aluno 5.....	75
ANEXO G - Transcrição da entrevista cedida pelo aluno 1	76
ANEXO H - Transcrição da entrevista cedida pelo aluno 2	77
ANEXO I - Transcrição da entrevista cedida pelo aluno L3	78
ANEXO J - Transcrição da entrevista cedida pelo aluno L 4	79

1 INTRODUÇÃO

A motivação e o despertar para as pesquisas com as tecnologias, assim como os olhares múltiplos que a função docente tem proporcionado nos últimos anos, foram os fatores que impulsionaram à pesquisa acerca da inserção das ferramentas digitais no ensino de língua inglesa. No primeiro contato com alunos de uma escola privada da parte alta da cidade de Maceió, o constante acesso daqueles alunos às redes sociais, através de seus aparelhos móveis, causou-nos certa curiosidade. Começava ali – mostras de um pesquisador novo - uma observação que tem desaguado nesta pesquisa. A maioria era jovem, situada em uma faixa etária que ia entre os 12 e os 14 anos.

Todas as rodas de conversas geralmente tinham uma única direção temática: a *Internet*. A construção de páginas e os novos adventos tecnológicos eram seus eixos temáticos. Assim, fui instigado a fazer essas mesmas observações *cibercomportamentais* com alunos do 6.º ao 9.º ano de uma escola pública estadual na parte baixa da cidade de Maceió¹. Diante da investigação, o panorama era o mesmo, ou seja, havia nesses alunos a mesma e frequente comunicação via *Internet*, sobretudo via redes sociais, como *blogs* e o *Orkut*². Daí, resolvemos dar um maior aprofundamento, através de pesquisas, a essa curiosidade.

Sendo professores de língua inglesa, procuramos analisar qual seria o resultado da integração das tecnologias com a educação e qual seria sua efetiva contribuição na formação dos professores de língua inglesa, assim como na de seus alunos. O fato de sermos professores da rede pública de ensino e vivenciarmos particularidades que a pesquisa exigiria, despertou-nos certa curiosidade de observar, de forma comparativa, a atuação de professores em outras escolas públicas³. O processo de escolha deu-se

¹ A cidade de Maceió está dividida em regiões de planícies e planaltos, esta mais conhecida como tabuleiros, região que comporta a parte alta da cidade; a parte baixa está situada em planície.

²Atualmente, o site de relacionamento *Orkut* não está mais acessível, porém, no texto, essa é uma observação importante por uma questão do período do início da pesquisa.

³ Optei por analisar, apenas, escolas públicas. A ideia era de observar a postura didática desses professores com os recursos tecnológicos disponíveis nas escolas visitadas. Historicamente, as escolas privadas possuem uma estrutura maior e diferenciada das públicas; e esse retrospecto poderia inviabilizar os dados comparativos a que a pesquisa propõe-se neste momento.

por ser essa uma turma situada em um nível intermediário de conhecimento, e por ainda os alunos não se situarem sob a iminente pressão que o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) tem exigido.

Fundamentado o processo de escolha da turma, restava agora formular estratégias pedagógicas, para ensinar uma língua estrangeira e iniciar as formulações para fazê-la dialogar com as novas tecnologias. Porém deveríamos lembrar que atuar como professor de língua inglesa em uma escola pública convencionou-nos ao cuidado de não cair no ostracismo histórico circulante na rede de ensino, a saber, a descrença por parte dos alunos da não possibilidade de aprender-se uma língua estrangeira nas aulas, ou, simplesmente, que não precisariam aprender uma segunda língua. As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCCEM, 2006) lembram-nos que tal fato está ligado a um desconhecimento de objetivos, levando alunos a terem certo *déficit* no tocante à relevância do ensino de língua estrangeira na Educação Básica. Talvez esse seja o resultado da descrença sofrida pela rede pública de ensino, quando entendida como lugar incomum para aprendizagem de uma segunda língua, principalmente pelos desmerecimentos didáticos sofridos: falta de ênfase, por exemplo, nos aspectos linguísticos, e, sobretudo, nos culturais. Esses são pontos didáticos que as OCCEM vêm tentando desmistificar, principalmente quando pontuam que tanto as escolas públicas como as privadas devem direcionar o ensino de línguas para os aspectos linguísticos e socioculturais, viabilizando, assim, um ensino de qualidade.

Em vista disso, estabelecemos o seguinte objetivo geral: **refletir** sobre a tecnologia e a formação crítica do professor. Já os objetivos específicos são: **intervir** no trabalho como professor de língua inglesa; **estudar** os avanços da aprendizagem de inglês pelos alunos, fazendo o uso da tecnologia; e **propor** alternativas de trabalho com o ensino de língua inglesa por meio de *blogs*. São essas as observações que são investigadas ao longo desta pesquisa. Independentemente de onde se dê esse processo, devem-se sempre buscar meios eficazes que visem a uma melhor apreensão dos conteúdos ministrados.

A parte teórica é responsável por apresentar os caminhos textuais que tivemos que percorrer para encontrar teorias que dessem um alicerce às nossas pesquisas na conseqüente criação do *blog*, desde o uso de diários virtuais, até a utilização desses recursos digitais em sala de aula, ou seja, toda uma análise do que teóricos e estudiosos da área estão considerando a respeito das novas tecnologias aplicadas à

educação. Em seguida, apresentamos as conclusões a respeito de como o *blog* pode ser efetivamente considerado um instrumento muito útil à disposição do professor para auxílio em suas aulas de língua inglesa. Apresentamos, também, expectativas e sugestões de formação e capacitação de professores na área das tecnologias em sala de aula.

No segundo capítulo das análises, apresentamos o que a pesquisa com o uso de *blogs* revelou, apresentando, principalmente algumas deficiências linguísticas que os alunos ainda revelam, mesmo estando no 2.º ano do Ensino Médio. Já no segundo capítulo, mostramos fatores geográficos e físicos que ainda causam certa confusão nos estudantes no que diz respeito à localização geográfica e a aspectos culturais. As mistificações acerca de os Estados Unidos ainda se situarem como país ideal para viver, o que, a nosso ver, é o reflexo comum da absorção de certo patriotismo alheio. No terceiro capítulo, apresentamos as análises das entrevistas realizadas com os alunos, assim como fatos considerados relevantes, sobretudo no enriquecimento na pesquisa com os fatores extralinguísticos. Assim observamos, nas trilhas que se seguem, se as tecnologias podem ocupar um posto de conciliação e diálogo nessa incessante busca de criarem-se meios que viabilizem e contribuam efetivamente com o processo de ensino/aprendizagem.

2 **BLOG: DAS ORIGENS À CONCEITUAÇÃO**

Realizar pesquisas com *blog* tem, nesta investigação, um tom de ir à busca do ainda não respondido, dialogar com resultados postos e propor alternativas de aprendizagem. Começar o texto com essas teorizações posiciona-nos em um meio permissivo, em especial para aqueles que leem determinados textos e, minuciosamente, atêm-se a detalhes e supostas soluções para as dúvidas surgidas no contexto da sala de aula. Diante disso, a teia que se formará de agora em diante guiar-nos-á para discussões, muitas vezes, esquecidas – como se a teorização de determinados termos fosse reflexo do óbvio, ou até mesmo do já dito. As teorizações surgem para fortalecer termos, explicar o que está obscuro. Seguimos nessa linha didática, especialmente por ter sido esse o caminho utilizado na construção desta pesquisa com nossos alunos em sala de aula. Didaticamente, os textos foram, nestes últimos dois anos, sendo construídos e direcionados até este momento de leitura. Explicar aos alunos que o termo *Weblog* foi usado pela primeira vez por Jon Barger⁴ em data registrada de 17 de dezembro de 1997, foi importante para situá-los, aguçar curiosidades. Lembrá-los que a abreviação *blog*, termo que se popularizou até os dias de hoje, foi usada por Peter Merholz⁵, com o intuito de fazer certo jogo de palavras com *Weblog*, e que o seu resultado que desaguou na expressão *We blog* foi muito positivo, principalmente porque, a partir dessa convenção, surge, em português, a expressão “nós blogamos”. E esse neologismo causou uma inquietação de conhecimento muito positiva no ambiente. Ainda nessas teorizações, lembramos que, passados alguns anos, estudiosos como Evan Williams⁶ usaram o termo *We blog* como verbo e substantivo, utilizando pela primeira vez o *To Blog* (verbo blogar), fazendo com que,

⁴ Jorn Barger) é um blogger americano, mais conhecido como editor de Robot Wisdom. Barger cunhou o termo weblog para descrever o processo de "registrar o web".

⁵ Peter Merholz abreviou pela primeira vez *WebLog*, introduzindo o termo *blogue*, quando ele postou na barra lateral de Peterme.com.

⁶ Evan Clark Williams é um americano empreendedor da internet que fundou várias empresas de Internet. Dois dos dez maiores sites da internet foram criadas por empresas de Williams: Blogger, um blog de software de autoria da Pyra Labs - e do *Twitter*, onde foi previamente CEO.

assim, surgisse logo depois o termo *blogger*⁷, ou seja, uma referência ao espaço disponibilizado na *Internet*. Com isso, o *blogger* torna-se um dos maiores servidores de *blogs* do mundo e, conseqüentemente, ganha uma dimensão e uma popularização que vem atravessando gerações.

2.1 Da criação e caracterização de um *blog*

No Brasil, convencionou-se o uso do termo *blog*, porém, em alguns lugares do mundo, o termo *blogue* é o termo usado, exceção feita a países como Portugal que comumente vem usando os dois termos. São *sites* cujas dimensões têm permitido aos usuários uma rápida atualização a partir do que podemos chamar de postagens. Em geral, sua organização é feita na ordem cronológica, podendo ser administrado e escrito por apenas uma pessoa ou por grupos que possuem os mesmos objetivos.

Hoje, podemos encontrar *blogs* com comentários, notícias e, até mesmo, utilizados como diários *online*, acessados por aqueles que têm interesses comuns, especialmente para acompanhar o dia-a-dia desses blogueiros⁸. Os *blogs* têm por características suportar textos, imagens, links, músicas etc., podendo os usuários interagir com o próprio blogueiro, administrador da página, ou com os outros usuários que frequentam o ambiente através de comentários.

Susana Gutierrez (2005) caracteriza os *blogs* de acordo com as páginas que são publicadas por uma pessoa, seus relatos pessoais, partindo do próprio ponto de vista, assim como a estrutura hipertextual característica. Nesses ambientes, são observadas as postagens padronizadas, a ordem cronológica, os *links* de acesso dessas postagens, a facilidade de atualização e, sobretudo, o acesso gratuito aos conteúdos da página.

Essas características observadas por Gutierrez (2005) são importantes por comporem as características que favorecem a mudança de *layout* e configuração, adquirindo, dessa maneira, as características do grupo que a interface está servindo. Essas composições agregadas ao *blog* são atrativos importantes para uma geração

⁷ Blogger, uma palavra criada pela Pyra Labs, é um serviço do Google que oferece ferramentas para edição e gerenciamento de blogs, de forma semelhantemente ao *WordPress*, mas indicado para usuários que nunca tenham criado um blog, ou que não tenham muito familiaridade com a tecnologia.

⁸ Blogueiro é um termo brasileiro utilizado para designar o indivíduo que publica em blogues.

intimamente ligada à tecnologia. Maria Gomes (2005, p. 51) afirma que o “*blog* não é uma moda passageira, mas um recurso que suportará as estratégias de ensino/aprendizagem por muitos anos”, inclusive acompanhando a velocidade das atualizações no mundo virtual. É a ideia também seguida por pensadores como Vygotsky (1998, p. 123), quando disserta que o “sociointeracionismo” comporta toda a esfera composta no *blog*, principalmente dentro de uma perspectiva colaborativa, um espaço onde professores e alunos aprimoram e partilham a produção de seus próprios conhecimentos.

Michel A. Banks (2009, p. 116), em seu livro intitulado “*Blogging Heroes*”, disponibiliza em suas páginas personalidades que fazem da blogosfera⁹ um meio digital para estarem sempre atualizando o mundo sobre suas vidas. Em seu *blog* de uso pessoal, o qual dá o nome de *PostSecret.com*, orienta:

Não comece a blogar para ganhar dinheiro; comece a blogar por paixão. Mas você precisa ter um foco pelo qual você possa sentir uma paixão. Se você começar um *blog* para ganhar dinheiro, não vai ter êxito. Mas se começar um *blog* por que tem uma paixão por algo que você quer compartilhar, ou explorar, obterá sucesso, porque essa é a natureza do blog (BANKS, 2001, p. 116)¹⁰.

Já André Lemos (2010) afirma que, para a criação de um *blog*, é necessário ter uma motivação, traçar alguns objetivos e direcionar o público que será alvo da interface. Um *blog* pode ser diário online, noticiário escolar, com registros ou não das aulas, e servir como interface para que os professores ministrem suas aulas de maneira mais dinâmica e colaborativa. E foram essas leituras e direcionamentos que nos guiaram inicialmente para o interesse investigativo em nossa pesquisa, para observar, na prática, as possibilidades de inserção dessas teorias no efetivo contexto da sala de aula. Passo a passo, dia após dia, fomos criando dinâmicas que possibilitassem ao aluno entender os caminhos para uma efetiva aprendizagem.

⁹Blogosfera é o termo coletivo que compreende todos os *weblogs* (ou *blogs*) como uma comunidade ou rede social. Muitos blogs estão densamente interconectados; blogueiros leem os *blogs* uns dos outros, criam enlaces para os mesmos, referem-se a eles na sua própria escrita e postam comentários nos blogs uns dos outros. Por causa disso, os *blogs* interconectados criaram sua própria cultura.

¹⁰ *PostSecret* é um projeto de arte via correio, criado por Frank Warren, no qual as pessoas partilham os seus segredos de forma anônima através de um postal feito em casa. Os segredos recebidos por correio são depois selecionados e publicados no site, ou utilizados em livros e exposições.

Indicar os passos a serem seguidos para a efetiva construção de um *blog* foi extremamente importante, principalmente pela necessidade de integração desses alunos. Aspectos como o registro e a necessidade de um servidor como, por exemplo, os já conhecidos *blogspot.com*¹¹ ou *Wordpress.com*¹² para a hospedagem na rede foi muito importante. Falar do registro através de um e-mail válido para futuros ajustes e atualizações de todo *layout* da página aproximou-nos e proporcionou-nos certa intimidade com a nossa pesquisa. Durante a construção, ficou claro que, em sua criação, o *blog* apresentaria uma identidade, ou seja, *interface* criada para aquele grupo de usuários. Feito isso, restavam-nos duas centralidades didáticas: a primeira foi de lembrá-los do importante recurso pedagógico que havia sido criado, ou seja, um novo espaço de acesso à informação especializada que, agora, seria utilizado pelo professor como mais um aporte para disponibilização de materiais e conteúdos; a segunda, pela estratégia pedagógica que esse ambiente assumiria. Uma forma de portfólio digital, um espaço de intercâmbio e colaboração, um novo polo de debate, um *role playing*¹³, um caminho com fins de integração.

2.2 As teorias de Freire, Piaget e Vygotsky e suas relações com usos de *blogs* na escola.

A pesquisa proporcionou-nos uma intertextualidade importante com as teorias de Paulo Freire (1996) e sua relação dialógica entre professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem; com Jean Piaget (2009) e seus estudos acerca da cognição e construção do conhecimento; assim como com a interação para a evolução apregoada por Vygotsky (1998). Esses textos foram trabalhados de forma cuidadosa em sala. Nossa intenção era mostrar para os alunos que muitos estudiosos vêm-se dedicando

¹¹ O Blogger, *Blogspot* ou Google Blogs, é uma das maiores plataformas de blogs grátis do mundo.

¹² *WordPress* é um aplicativo de sistema de gerenciamento de conteúdo para web, escrito em PHP com banco de dados MySQL, voltado principalmente para a criação de blogs via web. Essa é uma das ferramentas mais famosas na criação de blogs, disputando diretamente com o serviço do Google chamado Blogger.

¹³ O *Role Playing* é um modelo de ensino que pertence à família das Interações Sociais. Ele ajuda os alunos a compreenderem o comportamento social, o seu papel nas interações sociais e as formas de resolver problemas de uma forma mais eficaz. Ajuda também os alunos a organizarem e sistematizarem a informação no que diz respeito a assuntos do foro social, a desenvolver relações com os outros e a aperfeiçoar as suas próprias capacidades sociais.

aos aspectos que norteiam o processo de ensino/aprendizagem. Ao mesmo tempo, demonstramos, através dessas teorias, que um pouco de cada estudo serviria para inserirmos conceitos e métodos na construção do *blog*. Fizemos questão de frisar isso, pois o tempo todo havia de nossa parte a preocupação em passar a seriedade da pesquisa. Se isso não estivesse claro, certamente teríamos muito mais problemas e dificuldades ao longo da pesquisa.

Explicar para os alunos acerca da visão humanística de Paulo Freire ajudou-nos a dar certa sensibilidade metodológica à visão de nossos alunos, ou seja, explicar que o homem atua de maneira transformadora dentro da sociedade e que, a partir dos diálogos tecidos ao longo de sua vida, transformou-o em um ser aprendente, já que é no diálogo, segundo Freire (1996), que os homens encontram-se. Ao levarmos o pensamento de Freire para o *blog*, começamos a mostrar aos alunos o compartilhamento de informações entre o professor e o aluno, já que, nessa linha de pensamento, não pode existir a figura do professor como único detentor de conhecimentos. Assim, professor e aluno dialogam na busca do conhecimento. Conseqüentemente, a criação do nosso *blog* começa a aparecer para os alunos como parte da esfera comunicacional dialógica tão necessária para educação.

Para fortalecermos ainda mais o processo de criação de nosso *blog*, mostramos através das leituras de Piaget (2009), que a educação é algo indissociável, especialmente ao considerarmos dois elementos essenciais em seu processo: a moral e o intelectual. Esses elementos integrados permitem ao aluno adquirir conhecimentos, obter verdades, e a obtenção delas é oriunda do contato e da colaboração entre os sujeitos. Esse processo de elucidação teórica surge principalmente para lembrá-los de que os *blogs* apresentam tais características: contato por diálogo, cooperação, colaboração e o trabalho com esse recurso em sala de aula que faz com que os alunos despertem um interesse em aprender, ou seja, adquirir conhecimento de maneira colaborativa. Contudo cabe ao professor traçar estratégias e condições que despertem nos alunos a capacidade colaborativa, assumindo o papel de facilitador de aprendizagem, sobretudo trabalhando a autonomia do aluno.

Quando discutíamos a importância da linguagem como centro de comunicação disponível para os alunos construir seus conhecimentos, as teorias de Vygotsky (2001) possibilitaram-nos um bom suporte didático. Ressaltamos que os *blogs* comportariam o que tanto objetivávamos na pesquisa, ou seja, as várias formas de

linguagem existentes como, por exemplo, a linguagem visual e a verbal. A aprendizagem que buscávamos nesse ambiente manifestava-se no diálogo existente entre o interior e o exterior desses processos de comunicação. A enumeração do aluno, do professor e da escola que Vygotsky (1998) que legitima como sendo os três elementos essenciais na busca pela produção do conhecimento ajudaram-nos a lembrar aos alunos que são sistemas didáticos centrais e que estão intimamente interligados ao processo de ensino/aprendizagem. Assim, o aluno é o agente que busca dialogar com outros alunos na construção do próprio conhecimento. Já o professor é o agente mediador, e a escola é o espaço que favorece a interação professor/aluno.

Tivemos, antes de tudo, de lembrar em sala de aula que a intertextualidade utilizada surgia objetivada e didaticamente construída para aquele momento, para aquela criação. Já que as novas tecnologias da informação estão sendo aplicadas à educação, é importante afirmar que tais recursos devem oferecer aos alunos novos métodos e estratégias de ensino, visando sempre à formação de novos cidadãos; aos professores, a oportunidade de vencer suas limitações e de serem inseridos dentro dessa nova perspectiva.

Vale a notificação que sempre será um dever da escola oferecer meios para que novas possibilidades de ensino sejam criadas e, em especial, possam atender aos anseios de seus alunos, principalmente quando já estão conectados ao que é novo e atrativo, como é o caso das tecnologias, sobretudo quando já nascidos na Era dos *nativos digitais*¹⁴.

2.3 Blog: uma necessidade de criação coletiva

Depois dos diálogos com as teorias de Paulo Freire, Jean Piaget e Vigotsky; e apesar de eles já dominarem certas ferramentas tecnológicas, havia certo receio em apresentar o projeto. Eram os sites de relacionamentos - como *Orkut*, *Msn* e o ativo *Facebook* - os preferidos espaços de conexão da turma, mas todos abraçaram o projeto logo de início. Realizamos explicações teóricas acerca do termo *blog*, da popularização atingida através da disponibilização do *software blogger* e que,

¹⁴ Um nativo digital é aquele que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais presentes em sua vivência. Tecnologias como videogames, Internet, telefone celular, MP3, iPod, etc.

fundamentalmente, era uma ferramenta que estava a serviço de todos que quisessem publicar textos *online*. Nas teorizações, havia a lembrança de que seu manuseio não exigia conhecimentos aprofundados de informática, o que possibilitava aos usuários uma autonomia na publicação de textos. Lembramos, ainda, que essa era uma ferramenta que permitia o uso das multimodalidades, inclusive fazendo aporte a teóricos como Walkíria Monte-Mór (2010), quando de sua discussão acerca da importância da linguagem visual. Essa modalidade de comunicação, com fontes coloridas, tornava esse meio de comunicação expressivo, ou seja, o indivíduo, ao fazer uso dessas tecnologias, além de comunicar-se, estava também se expressando e, com isso, apresentando alguns novos conceitos sobre construção de sentidos e multimodalidades, revelando que um único objeto pode ter vários significados no sentido de que é capaz de suportar arquivos de fotos, imagens, músicas, desenhos animados etc.

Durante a construção do *blog*, sempre referendamos as recomendações da OCEM (2006) como forma de mostrar aos alunos que havia um sentido didático naquela construção coletiva. Apresentar à sala que o *blog* representa um exemplo de linguagem na *Internet*, especialmente por agregar imagens e sons que permitem uma interação com o texto escrito; e “essa inter-relação produz mensagens ou significados que não estão presentes apenas no texto escrito, ou no texto visual” (OCEM, p. 105). Vale lembrar as observações de Guimarães (2012, p.142), quando versa que a esfera digital “engloba diversas multimodalidades, além de envolver a linguagem verbal, porém, mais acentuada e inescapável, pois recebe recursos multimodais que não eram realizáveis nos suportes impressos”.

Apresentamos quais eram os objetivos ao trabalhar com o *blog* na sala de aula, deixando claro que muitos professores já faziam uso dessa interface como meio de estabelecer um contato extraclasse, transcendendo os limites físicos da sala de aula, ou seja, dando uma continuidade aos conteúdos dados, conseqüentemente, promovendo uma maior interação entre os alunos e o professor, o que certamente deságua em uma maior cumplicidade e reflexão na relação existente entre tecnologia e ensino.

No decorrer da pesquisa/construção, os alunos mostraram-se predispostos a colaborar, até mesmo a realizar a manutenção e as devidas atualizações, como também a alterar imagem de fundo, mudar o *layout*, ou seja, toda a página inicial de

visualização do *blog*, um ambiente com “alto astral” e dinâmico. E esse já era um comportamento positivo de aceite e de entendimento das explanações realizadas acerca do real objetivo em utilizar-se o *blog* no melhoramento das aulas de língua inglesa. Esse dinamismo, primordialmente, foi proporcionando pela possibilidade em trabalhar-se com as Tecnologias de Informação e Comunicação e sua disponibilização de utilizar-se do hipertexto que Xavier (2009, p. 171) define como “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície, formas outras de textualidade”. Sua função não linear de informações, por meio de diversas redes de comunicação, dos recursos multimídia, entre tantos outros, propicia-nos, de maneira extremamente veloz e eficiente, novas formas de vislumbrar a realidade que, atualmente, faz parte do contexto da sociedade. A utilização dessas ferramentas tecnológicas, cada vez mais diversificadas, visa não apenas a ensinar de forma mais atrativa e inovadora, mas também a melhorar e desenvolver a própria prática pedagógica, gerando, conseqüentemente, aprimoramentos para todas as partes integrantes do processo de ensino/aprendizagem.

A inserção das novas tecnologias no ambiente escolar, especialmente no setor público, tem sido assunto amplamente explorado pela imprensa do mundo inteiro. Dentre os aspectos levantados, podemos destacar tentativas de entidades, com ou sem fins lucrativos, que buscam promover a inclusão digital de jovens que se encontram na Educação Básica. As novas formas de ensino e aprendizagem estão apresentando um novo paradigma na educação brasileira, realizando, a partir dessas tecnologias, uma gama de artifícios, de novos pensamentos e novos meios de interação que envolvem aluno/aluno, aluno/professor.

A Comunicação Mediada por Computador (CMC)¹⁵ tem possibilitado uma grande inovação no conceito de texto, marcado não mais pela defasagem temporal entre o momento da escrita e a sua veiculação ou publicação, mas sim pela relação temporal síncrona, ou seja, na medida em que um texto é escrito digitalmente, quase que instantaneamente, já pode ser publicado na *web*, através das ferramentas que a rede mundial de computadores disponibiliza para seus usuários, como, por exemplo, os *blogs*.

¹⁵ Termo utilizado por alguns teóricos para designar a interação entre os indivíduos, usando como meio o computador.

Hoje, já se percebe que o uso de *blogs* vem sendo feito nas escolas para a orientação pedagógica, como meios interativos e participativos, inseridos no contexto escolar em ambientes familiarizados com a Internet. Já observamos, entretanto, *blogs* de autoria individual de professor, alunos, assim como de autoria coletiva, construídos com a participação de alunos e professores, como forma de englobar-se uma disciplina específica, ou de tentativas de ampliação de transmissão transdisciplinar.

Observando os adventos que a *Internet* tem proporcionado ao processo de ensino/aprendizagem para a contemporaneidade, e na forma em que a rede mundial está crescendo em importância nas escolas, a pesquisa também observa a relação e o nível de conectividade dos alunos envolvidos na pesquisa, assim como o processo de aprendizagem em que o *blog* atua como ferramenta de centralidade de apoio às aulas. E são esses os caminhos/respostas que a pesquisa propõe efetivar, refletindo acerca das teorizações sobre o uso do *blog* e sua efetiva contribuição para o ensino de língua inglesa na escola pública. O que, inevitavelmente, perpassa na pesquisa, por reflexões como: a discussão do processo de utilização do *blog*; o levantamento de documentos que constroem o desenvolvimento do aluno (avaliações, textos produzidos pelos alunos etc.); a discussão sobre a relação entre tecnologia e ensino de língua inglesa; assim como a reflexão sobre ser um professor de língua inglesa e se, de fato, o uso das TIC tem contribuído de maneira efetiva para o avanço na apropriação do conhecimento para o desenvolvimento integral das potencialidades humanas.

Essas são reflexões que serão discutidas com o importante auxílio da Linguística Aplicada e de teóricos como Leffa (2001), sobretudo pela possibilidade de tecer certo diálogo entre espaço, teoria e prática, atributos importantes para consolidar critérios de sentido que nortearam tanto a construção do *blog* quanto o critério de escolha das postagens de material no ambiente e os instrumentos utilizados para compor a coleta de dados.

2.4 Conectados ao estudo de caso: estudos e pesquisas com *blogs*

Por uma questão de dados no dia 17 de janeiro de 2014, o site Technoratti¹⁶, informava-nos que, até aquele momento, havia mais de 1.343.390 *blogs* criados em

¹⁶ *Technorati* é um motor de busca de Internet especializado na busca por blogs e faz concorrência às ferramentas de busca de blogs do Google e Yahoo. Em Julho de 2006, a quantidade de blogs

todo o mundo e divididos em categorias, como entretenimento, negócios, esportes, política, automóveis, tecnologia, rotina de vida, ciências etc. Porém o que nós desejávamos descobrir e analisar eram os estudos e as publicações acerca dos *blogs*. O que as pesquisas relatavam a respeito do uso dessa tecnologia integrou a pesquisa de uma forma muito positiva, especialmente por entendermos que nossa investigação, agora, aumentaria o escopo de análises acerca do *blog*. O curioso foi constatar que a maioria das produções concentra-se na área das comunicações e do jornalismo. Outras áreas como as Letras eram contempladas em menor escala.

Em 2002, duas publicações de Rosa Meire Oliveira (2002) da Universidade Federal da Bahia possuíam uma investigação interessante. Uma delas, que nos chamou bastante à atenção, fazia uma análise do diário íntimo como gênero discursivo. Um estudo de transmutações didáticas que investigavam a *cibercultura* e sua consequente importância na construção de um *blog*. O trabalho de Oliveira faz um levantamento de dados onde é mostrada a evolução dos diários de papel até os diários *online*, porém com novos suportes. Outras análises que nos foram atrativas foram realizadas pela pesquisadora Denise Schittine (2002) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que em seus estudos sobre o *blog*, faz considerações pertinentes acerca da invasão do público pelo privado, tanto por meio de *blogs* como por meio de programas de TVs. Há outras discussões relevantes, como a dissertação de mestrado datada de 2006 da jornalista Ana Maria Bambrilla, que trata da substituição factual que os *blogs* têm atingindo quando da substituição dos velhos diários de papel.

Fabiana Komesu (2005) afirma que ocorre nos *blogs* um jogo enumerativo entre o público e o privado e trata o ambiente virtual como um gênero do discurso. Levanta a hipótese de que a escrita dos *blogs* emerge em meio às condições de produção do discurso que possibilitam práticas sociais de exposição pública da intimidade, assim como pelo modo de enunciado desses escreventes e a relação construída entre a publicação de si e a intensidade da informação construída pelo leitor.

Produções que versam sobre o uso de *blogs* no ensino de línguas também compunham o acervo do site Technoratti. A dissertação de mestrado de Ludmila da Silva (2009) que vem utilizando o *blog* como potencializador da autonomia de

cadastrados no site ultrapassou a barreira dos 50 milhões, e cerca de 70.000 blogs são cadastrados no site diariamente.

aprendizagem da língua inglesa proporcionou-nos um diálogo importante. Michele Araújo (2009) é uma pesquisadora que demonstrou em seus dados as vantagens de realizar trabalhos com os *blogs*, o que ela chama de uma pesquisa participante, que é aquela desenvolvida sob abordagem quantitativa e qualitativa no ambiente, buscando, assim, identificar as potencialidades geradas com o uso do *blog*. A leitura desses textos tem-nos direcionado, enquanto professores, mas também tem levado os alunos ao entendimento do porquê nós nos utilizarmos de um ambiente virtual para tentarmos melhorar o processo de ensino/aprendizagem. Suzana Gutierrez (2010) versa em seus textos que o *blog* ultrapassa as barreiras, os muros da escola e amplia os limites da aprendizagem. A pesquisa foi realizada sob essa perspectiva, qualitativa, passando pela netnografia¹⁷ e redes sociais compostas por professores. Nosso objetivo é o de compreender e expor algumas divergências, através do ambiente criado em sala de aula.

É possível notar a existência de vários estudos sobre *blogs* nos mais diferentes aspectos, principalmente na esfera educacional, pois tratam da perspectiva educativa, principalmente com disciplinas e atividades utilizadas para potencializar o ensino/aprendizagem de línguas. E, para nós, analisar o que academia vem produzindo e os múltiplos olhares que vêm sendo dados ajudaram-nos em nossa abordagem e em qual tipo de pesquisa iríamos portar-nos. Assim como o estudo deu-se, qual o passo-a-passo utilizado, os sujeitos e os instrumentos que seriam necessários para a concepção da pesquisa.

De início, podemos afirmar que o material colhido, oriundo das pesquisas, teria como objetivo responder a algumas inquietações que se transformaram em nossos objetivos de pesquisa. Colhemos questionários, textos e entrevistas dos alunos, tudo originado das postagens realizadas no *blog* recém-criado.

Todos os dados colhidos foram analisados e interpretados fazendo parte, dessa maneira, de uma pesquisa qualitativa. Assim foi feito, pois pesquisas realizadas dentro dessa abordagem caracterizam-se, muitas vezes, como um trabalho concreto, temporal e local, especialmente quando originado dos dados colhidos produzidos pelos alunos. Lembrando que todo esse material colhido para análise estava diretamente ligado às escolhas teóricas, com os métodos de coleta e a própria interpretação de dados.

¹⁷ Netnografia é o ramo da Etnografia que analisa o comportamento de indivíduos na Internet. Acredita-se que o termo foi empregado pela primeira vez por R. V. Kozinets (1997).

É importante lembrar que uma pesquisa classificada como qualitativa não é empregada simplesmente para identificar se os métodos aplicados foram empregados de maneira correta ou não, mas sim para dar relevância à produção dos alunos, levando em consideração a realidade social em que vivem.

2.4.1 Do processo da pesquisa

Para dar início aos trabalhos da pesquisa, foi formulado um questionário para que pudéssemos ter um conhecimento prévio no que dizia respeito às tecnologias que faziam parte do cotidiano social dos alunos. O questionário¹⁸ continha as seguintes perguntas:

Quadro 1: Perguntas do questionário 01

Teor da pergunta	Justificativa
1. Qual a sua idade?	É importante para o pesquisador, saber a faixa etária do grupo que está participando da pesquisa.
2. Já fez algum curso de inglês?	Saber se o aluno já teve contato com a língua inglesa fora da escola.
3. Como você considera seu nível de conhecimento de língua inglesa?	Pergunta elaborada para avaliar o nível de conhecimento dos alunos.
4. Quantos computadores há em sua residência?	Como estamos lidando com tecnologia, é preciso saber a respeito das mesmas nas residências dos alunos.
5. Tem acesso à Internet?	Para ter acesso ao <i>blog</i> , é preciso ter computador com conexão à Internet.
6. Qual sua frequência de acesso?	Saber a frequência com que os alunos acessam a Internet.
7. Acessa Redes Sociais?	Importante saber quais redes sociais, os alunos estão acessando.
8. Você acessa Internet com qual interesse?	Saber também qual o interesse dos alunos enquanto conectados.

¹⁸ O questionário está disponibilizado no Apêndice A.

9. Tem costume de estudar conectado à Internet? Por quê?	Para saber se os mesmos já estudam conectados à Internet.
10. Qual sua opinião a respeito do uso de <i>blogs</i> no ensino de língua inglesa.	É importante saber qual a opinião dos alunos sobre o uso dessas tecnologias na aula.

As perguntas possuíam uma aproximação íntima, social, pois buscávamos as respostas possíveis para a pesquisa. Objetivamos dar ao formulário esse direcionamento, porque os dados advindos dessas indagações certamente, positiva ou negativamente, formariam o escopo da pesquisa. Thiollent (2011) informa que a formulação de questionários torna possível a discussão sobre o tema, porém sob diferentes perspectivas, ou seja, com diversos tipos de alunos ou participantes.

Para a elaboração do questionário, foram levadas em consideração a clareza e a relevância das perguntas para que os voluntários não tivessem nenhum tipo de dúvida ao responder às questões. Mais uma vez, as teorizações de Thiollent (2011) trouxeram-nos a contento a lembrança de que “no contexto particular da pesquisa-ação, os questionários obedecem a algumas das regras dos questionários comuns (clareza, perguntas fechadas, escolha múltipla, perguntas abertas etc.)”. Assim, formulamos um questionário com perguntas subjetivas e objetivas. A primeira buscava um melhor entendimento de onde, como e quais eram as relações estabelecidas com as tecnologias; a segunda, através desses entendimentos, a formação e a consolidação das estatísticas que formariam os resultados da pesquisa.

O objetivo da aplicação do questionário foi conhecer os sujeitos da pesquisa em relação ao que está sendo pesquisado. Todos os alunos tiveram uma receptividade positiva na pesquisa, quando participaram e responderam ao que foi pedido/indagado. Observou-se que a maioria dos alunos tinha o desejo de colaborar, especialmente pelo forte interesse em aprender inglês, mas o fato de estarem em uma escola pública e por terem tido professores que não estavam preparados para assumir uma disciplina de língua inglesa fez com que ficassem desanimados e desacreditados com um ensino direcionado a ensinar o que corriqueiramente se intitula de o “básico do básico”. Assim, essa nova pedagogia dialogada com as tecnologias começou a proporcionar certo resgate daqueles alunos que se diziam desacreditados.

Apresentado o *blog* que seria usado como interface naquele processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa, assim como se dariam as aulas, anunciamos

que iríamos começar a postar os primeiros conteúdos e que, a partir daí, iríamos frequentemente nos reunir em grupos na sala de aula, e cada grupo iria debater, discutir de maneira colaborativa e que comumente eles teriam que apresentar textos que contivessem as conclusões do grupo sobre as postagens e as intervenções feitas tanto pelos alunos quanto pelo professor no *blog*. Tínhamos que seguir essa metodologia, pois, para a pesquisa, o sentido da aprendizagem colaborativa buscava trazer para a sala de aula resultados que reforçassem a ideia de que aqueles encontros não eram meros passatempos. Tínhamos um objetivo a alcançar: mostrar os resultados ao final do percurso. Pallof & Pratt (2005, p 36) lembram que ir à busca desses resultados “ajuda a alcançar níveis mais profundos de conhecimento, promove iniciativa, criatividade e pensamento crítico”. Objetivamos dar aos nossos alunos-colaboradores no processo de aprendizagem a percepção de que, por si sós, atingem a capacidade de criar e compartilhar objetivos comuns para o aprendizado. Dillembourgh (1999, p. 05), em sua obra intitulada *Collaborative Learning: Cognitive and Computational Approaches*, afirma que a aprendizagem colaborativa como “situações nas quais duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo juntas” levará em conta a forma de compartilhamento das informações e como esses alunos interagem entre si. Ainda segundo o autor, *collaborative learning*:

Is a situation in which particular forms of interaction among people are expected to occur, which would trigger learning mechanisms, but there is no guarantee that the expected interaction will actually occur. Hence, a general concern is to develop ways to increase some types of interactions occur (DILLEMBOURGH, 1999, p. 05).

Smith & McGregor (1992, p. 87) afirmam que o termo “aprendizagem colaborativa” comporta uma variedade de abordagens educacionais envolvendo estudantes e professores e podem ser do tipo: busca por soluções, significados ou criação de um produto. Foi nesse sentido que desenvolvemos nossas atividades, tendo o *blog* como interface de ensino/aprendizagem de língua inglesa. A necessidade de, em nossa investigação, proporcionar aos alunos uma liberdade de eles participarem ativamente tanto da construção do ambiente quanto de também proporem e analisarem as postagens do ambiente, ou seja, foi para traçar uma estratégia de ensino/aprendizagem totalmente ligada à proposta pedagógica.

Ao optarmos por trabalhar com os alunos reunidos em grupos, tomamos como guias algumas observações feitas por Palloff & Pratt (2001), quando sugerem que, ao aplicar determinados questionários em sala de aula, os professores podem ter ações como:

1. Postar informações e expectativas de aprendizado;
2. Encorajar comentários em apresentações;
3. Formar grupos e postar regras para a performance;
4. Buscar exemplos de vidas dos próprios alunos;
5. Promover o diálogo entre alunos;
6. Dividir a responsabilidade pelo papel de facilitador de aprendizagem.

Daí, nosso direcionamento inicial. Utilizamos-nos desse processo de aprendizagem colaborativa, pela permissão do uso em diferentes contextos, em especial tendo o *blog* como mediador dessa interface.

3 **BLOG X SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE INTERATIVIDADE**

Neste capítulo, a pesquisa, a partir dos conteúdos postados em nosso *blog*, deve deterar-se às análises e aos consequentes resultados obtidos. A proposta foi a de direcionar as aulas para uma reflexão sobre a relação entre tecnologia e formação crítica do professor de língua inglesa: propor novas alternativas de ensino no ambiente construído. Para isso, inevitavelmente, e com a participação ativa dos alunos, intervir, também, no processo de ensino do professor de língua inglesa.

Substanciando-nos por teorias, como a de Ludke & Andre (1986), que direcionam suas investigações críticas ao estudo de caso, postamos e analisamos alguns questionários e textos que envolviam os mais diversos gêneros, para que, assim, fossem despertadas nos estudantes visões diferenciadas, objetivando, ao final, debates e discussões textuais que refletissem suas argumentações e inquietações acerca dos conteúdos apresentados tanto em sala de aula, através das reuniões de grupo, quanto das postagens do *blog*.

O quadro abaixo apresenta as postagens utilizadas em sala de aula:

Quadro 2: Postagens do blog e justificativas

Data / Aula	Material	Atividade	Resultados esperados	Objetivo de ensino
25.05 / <i>The Centenary of Titanic</i>	PodCast	Escuta, leitura e atividades.	Ajudar os alunos a compreenderem os <i>False Friends</i> e aprender um pouco mais sobre a história do Titanic.	Trabalhar o <i>False Friends</i> e vocabulário, observando as diferenças de significados.
25.06/ <i>The PresentPerfect</i>	Texto, livro didático e <i>slides</i> produzidos e postados no <i>blog</i>	Leitura e realização de exercícios para fixação do aprendizado.	Possibilitar aos alunos, um conhecimento mais avançado dos tempos verbais em inglês.	Compreender o funcionamento do <i>Present Perfect</i> e outros tempos verbais.
08.10/ A Dama de Ferro	Filme postado no <i>blog</i>	Assistir ao filme, levando em consideração os aspectos políticos e econômicos entre Inglaterra e Brasil. Produção de textos.	Os alunos nesta atividade devem aprender um pouco mais sobre a cultura e entender algumas diferenças culturais entre Brasil e Inglaterra.	Promover a percepção cultural entre a Inglaterra e o Brasil no tocante a processos políticos, modo de vida etc.
26.10/ O Discurso do Rei	Filme postado no <i>blog</i>	Assistir ao filme, prestando atenção ao	Nesta atividade, deveriam prestar	Percepção de aspectos culturais do regime

		idioma inglês, observando a pronúncia e, conseqüentemente, a fala do idioma. Produção de textos.	atenção nos costumes e tradições de um regime monárquico e entender as diferenças que regem o regime brasileiro.	monárquico que diferem do regime brasileiro. Notar a diferença no cotidiano entre ingleses e brasileiros. Aprender inglês de uma nova maneira.
--	--	--	--	--

As teorias que permeiam o estudo de caso deram-nos um direcionamento importante na composição desses conteúdos. A pesquisa e sua descoberta, a interpretação dos contextos, as fontes de informações presentes e os diferentes e, às vezes, conflitantes pontos de vistas presentes numa situação social completaram a teia necessária para esse diálogo com os estudos de caso nos quais a pesquisa situou-se.

Leffa (2006, p. 32) lembra-nos que o estudo de caso é “uma investigação profunda e exaustiva de um participante ou pequeno grupo pesquisado”. Daí a nossa necessidade de, na pesquisa, investigarmos tudo o que pudesse ser possível saber sobre nossos alunos. Situarmos nossa investigação para o estudo de caso, que evidencia ao pesquisador vantagens e desvantagens, porém cabe a esse pesquisador decidir até onde as vantagens superam as desvantagens. Ao tratar desse “imbróglio” da catalogação de dados, Leffa (op. cit., p. 32) apresenta algumas vantagens no estudo de caso: “a flexibilidade permite que o pesquisador ajuste as hipóteses iniciais de acordo com os dados novos que podem surgir durante a execução do projeto”. A capacidade de contextualização permite ver o sujeito não como elemento solto no espaço, mas como parte integrante da comunidade em que atua.

O constante processo de globalização advindo de tecnologias, como, por exemplo, a TV e a *Internet*, tem produzido, nas últimas décadas, uma estimulação visual e cognitiva que vem tornando os regimes de concentração e percepção muito mais rápidos (FABRÍCIO, 2006, p. 47). Conseqüentemente, tem feito com que o lugar para novos espaços de visualidade, de experimentação e construção de sentido ganhe protagonismo na educação.

É nesses espaços, criados através da *Internet*, que a nossa pesquisa toma fundamento como *interface* de ensino/aprendizagem de língua inglesa. Conectamos os alunos aos conteúdos mais diversos desse idioma, e é a partir dessa inserção que nossas análises e interpretações dos resultados iniciam-se.

3.1 A análise das produções textuais resultantes da interface aprendizagem/blog

No decorrer da investigação, observamos que a proposta de aliar o letramento visual e verbal ao *blog* tinha proporcionado aos alunos um importante espaço de orientação de conteúdos, especialmente por transpor os muros da escola. Nessa transposição, o acompanhamento dos conteúdos deu-nos a oportunidade de, junto com os alunos, estender para suas casas o tempo dedicado ao ensino e ao aprendizado. Daí, a notação que fazemos, quando objetivamos mostrar ao professor que o uso de tecnologias nas aulas pode tranquilamente estabelecer uma interação positiva com os alunos. É a utilização de um recurso que já dialoga cotidianamente com suas realidades. Esta foi, a nosso ver, uma percepção importante apresentada na pesquisa: uma prática leve, descontraída, espontânea e culturalmente próxima.

Essa descontração à qual fazemos referência concretiza-se, por exemplo, quando da postagem do *PodCast* que referenciava os 100 anos da tragédia do navio *Titanic* que fatalmente vitimou milhares de pessoas. Com áudio e texto, essa primeira aula inaugura a *interface* com o *blog*. Nesse primeiro trabalho, mediados por conteúdos conhecidos pelos alunos, o objetivo era que, no *PodCast*, fossem selecionados os *False Friends* apresentados no texto. Com isso, e a partir de uma lista com os falsos cognatos mais frequentes, as produções textuais teriam que fazer uso desse conteúdo.

A parte textual despertou nos alunos uma inquietação. Os *False Friends* provocaram certa surpresa. As palavras novas e seus mais distintos significados eram a causa do corriqueiro questionamento. Fator positivo, sem dúvida. Não se pode esperar numa pesquisa uma passividade na recepção de conteúdos, em especial quando se aliam novos conhecimentos a uma nova metodologia. O *PodCast* também proporcionou a oportunidade de os alunos ouvirem e aprenderem o idioma em língua inglesa. Ler e acompanhar o texto através do áudio era dinâmico e trazia, perceptivelmente, certo contentamento linguístico. Momento importante nessa busca de aliar sempre às metodologias utilizadas a melhor maneira de aplicar ao processo de ensino/aprendizagem certa inovação e melhor receptividade.

Essa recepção dos alunos foi percebida, quando acompanhávamos os acessos dos alunos ao *blog* e, conseqüentemente, ativavam o *PodCast* contido no ambiente.

Nas discussões em sala, eles relatavam que estavam começando a amadurecer e a aprofundar os conteúdos socioculturais presentes no vídeo e que se mostravam necessários para a aprendizagem de qualquer idioma. Ter um importante fato histórico, como foi o caso do naufrágio do *Titanic*, e que chocou o mundo, proporcionava de forma atrativa a oportunidade de aprender inglês, e a *interface* provocada pelo uso do *PodCast* em nosso *blog* havia permitido essa possibilidade.

Outra estratégia utilizada foi a postagem de filmes. A proposta era a produção de textos embasados em seus enredos. Primeiramente, foram postados no ambiente dois filmes: *The Iron Lady* e *The King's Speech*, e, logo após a disponibilização dos vídeos no *blog*, os alunos deveriam assistir aos filmes, atentarem para os aspectos político, cultural e econômico e realizarem suas análises, expondo as opiniões do grupo e, a *posteriori*, transcrevê-las para as folhas em forma de texto. De início, na necessidade da prática da escrita em língua inglesa, solicitamos que os textos fossem escritos em inglês - fase observacional das produções. Nessa observação, percebermos as dificuldades nas produções de alguns. Daí, permitimos que os segundos textos fossem escritos em sua língua materna. Para nossa inquietação, percebemos que a dificuldade dos alunos também povoava sua própria língua. Problemas gramaticais, de coesão e coerência e as dificuldades de localização geográfica de países como os Estados Unidos e a Inglaterra foram anotações percebidas nas produções. Tínhamos que buscar, sem muitos sustos ou pressões, a melhor forma de realizar essas correções sem causar repulsa à pesquisa, ou seja, avançar ou recuar iria depender exclusivamente da necessidade de maturação ou não dos conteúdos.

Situando-nos no processo, lembrávamos aos alunos que os filmes postados não faziam parte do cotidiano vivido por eles. Sabia-se que era uma temática que eles não haviam vivenciado, mas que ganhava relevância na aprendizagem da língua inglesa, especialmente por proporcionar uma maneira prática e divertida de aprendizagem, pois complementava as discussões e as práticas no contexto da sala de aula.

A postagem *The Iron Lady*, por exemplo, deu-se para que fosse proporcionada a possibilidade de os alunos entenderem um pouco mais da própria língua inglesa e aprender sobre questões políticas e culturais de um país que possuía, por exemplo, uma mulher como dirigente maior. Também se objetivava que os alunos, ao assistirem ao filme, pudessem refletir sobre alguns fatos e crises comuns ao seu próprio país, sobretudo por também terem na imagem de uma mulher similaridades políticas com o

Brasil. Contudo foram realizadas discussões em grupo e, como resultado, solicitamos a produção de um texto escrito em inglês. O entrave maior ainda estava naqueles alunos que eram resistentes a produzir textos em uma língua que não era oficialmente a sua.

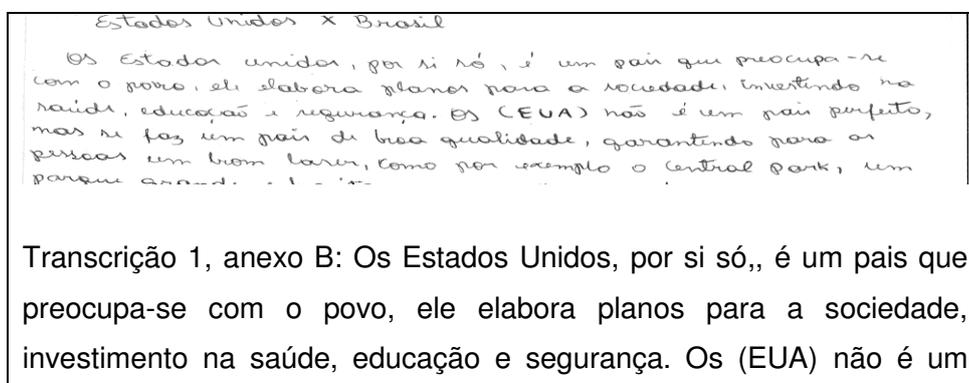
Com a segunda postagem, *The King's Speech*, filme que retrata a vida monárquica no Reino Unido, os alunos tiveram a oportunidade, acreditamos que, com uma visão mais amadurecida, de conhecer um pouco mais sobre o Regime Monárquico. Foi pedido aos alunos que realizassem mais uma produção textual sobre os aspectos que chamaram sua atenção, fazendo um contraponto entre o regime Monárquico Inglês e o Regime Presidencialista adotado no Brasil. Seguimos os mesmos critérios de produção adotados no primeiro filme, ou seja, produção textual em língua inglesa, porém vale a notação que produções em língua portuguesa tornaram-se inevitáveis.

As produções textuais dos alunos evidenciaram-nos fatos que antes poderiam continuar obscuros e sem importância, quando da não exigência das mesmas. Talvez o fato de termos chamado a atenção para aspectos culturais e políticos, e a consequente proximidade temática, tenha possibilitado essa observação.

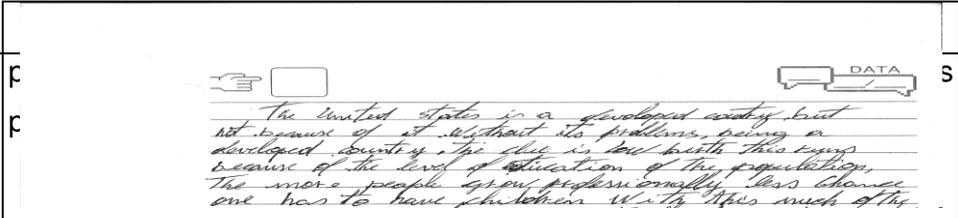
Tanto as produções textuais em língua inglesa como as em língua portuguesa, eram portadoras de desvios gramaticais similares. Alto grau, por exemplo, de erros de grafia e de concordância.

No quadro abaixo, há trechos dessas produções. No excerto 1, o texto foi produzido em língua portuguesa. Já no 2, as produções em língua Inglesa¹⁹.

Quadro 3: Excertos retirados dos textos produzidos pelos alunos



¹⁹ A partir de agora, os textos serão analisados em recortes. Todos os trechos encontram-se integralmente disponíveis nos anexos desta pesquisa.



The United States is a developed country but not because of it without its problems, being a developed country, the clue is low birth, this runs because of the level of education of the population, the more people show professionally less chance one has to have children with...

Transcrição 2 anexo C: The United States is a developed country but not because of it without its problems being a developed country, the clue is low birth, this runs because of the level of education of they population, the more people show professionally less chance one has to have children with... .

Na perspectiva de contornar e corrigir os problemas gramaticais surgidos, numa discussão feita em sala, pontuamos que erros, muitas vezes considerados simples, podem trazer produções destoantes da aceita pela norma gramatical e oficial cultuada no país. A observação foi feita lembrando-os, a partir dessa ocorrência, que, na língua portuguesa, algumas palavras, quando pronunciadas, não trazem dificuldade ou um grau de exigência linguística mais culta, porém, quando escritas, causam um desvio importante da norma vigente. Daí a importância de, nesse invólucro midiático, optarmos por um *feedback* textual. Com isso, também tivemos margem para lembrá-los de que, nesse aspecto de “confusão” gramatical, estão alocadas, no mesmo excerto, as palavras /lazer/, referência a um tempo livre, de folga, para a realização de atividades de divertimento ou repouso, com a troca realizada por /laser/, termo linguístico inglês que significa uma amplificação de luz por emissão estimulada de radiação

Na necessidade da escrita para representar corretamente a pronúncia das palavras, no excerto 1, no trecho “(...) não é *um país* perfeito (...)” (grifo nosso) já notamos o primeiro problema que divergia da norma gramatical, o de acentuação gráfica. Houve no texto o substantivo masculino plural /pais/, empregando no lugar do substantivo masculino singular /país/, ou seja, não havia por parte do aluno o conhecimento, por exemplo, acerca da fonologia, do acento e da entonação das palavras - quando confundiu o plural não acentuado do ditongo decrescente /pai/, com acentuação obrigatória dos hiatos seguidos de “s” como foi o caso da palavra /país/.

Conteúdos gramaticais corriqueiros e teoricamente comuns para alunos do 2º ano do Ensino Médio, não eram lembrados.

Essa ausência de uma sinalização ortográfica recai também sobre a imprevisibilidade do acento tônico das palavras escritas em língua inglesa, criando sérias dificuldades, inclusive com erros em produções escritas. E esse foi um novo norte na pesquisa. Não há como um pesquisador/professor situar-se em único resultado de análise. Permitimos que os alunos realizassem suas produções na língua materna, mas, mesmo assim, deparamo-nos com problemas de aprendizagem em sua própria língua. A nosso ver, essa também é uma resposta da não estagnação de resultados, e o professor tem de estar preparado para criar mecanismos didático/pedagógicos que, muitas vezes, fugirão da perspectiva esperada.

Na mesma aula, discutimos com os alunos que os problemas gramaticais ultrapassam fronteiras linguísticas. Assim, tentamos amenizar alguns desvios encontrados nos textos produzidos em língua inglesa, fazendo contrapontos com as duas gramáticas. No excerto 2, destacamos erros muito comuns de grafia e de concordância em língua inglesa, e esse foi um fator importante na comparação entre as gramáticas. A mensagem de que não há fortalecimento linguístico em nenhuma língua, quando não há por parte desse aluno o interesse em conhecer as regras que norteiam a ortografia oficial de uma língua, foi bastante evidenciada. Existiam erros “banais” cometidos por eles na própria língua materna e que, muitas vezes, adivinham da não leitura e da conseqüentemente ausência de produção textual.

Quando apontamos o uso indevido da palavra “clue” no lugar de “reason”, risos ecoaram na sala, sobretudo por eles admitirem que isso se deu pela desatenção. Depoimentos do tipo “*a gente sabia, teacher!*”, “*Ah! Kkkk, quem foi o tolo que fez isso?*” foram muito frequentes nos encontros. E quando lembramos outros exemplos, como mostrados abaixo no excerto 3, a reação de risos continuou:

Quadro 4: Excerto do texto produzido pelos alunos.

American population is eventually formed by elderly
 Brazil an underdeveloped country has some
 different issues regarding the United States as
 Brazil still in development do the level of
 education is lower because of this the birth of
 Brazilian clue is to the Americans. The

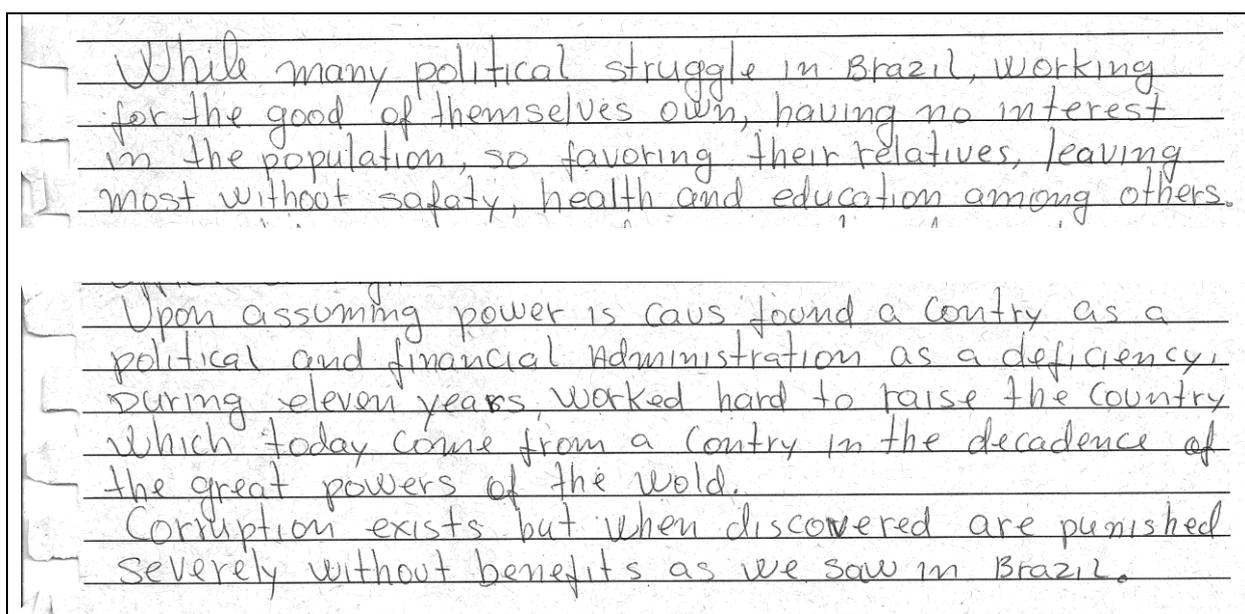
Transcrição 3, anexo C: American population is eventually formed by elderly Brazil an underdevelopment country has some different issues regarding the United States as Brazil is still development do the education's level is lower because of this the birth of Brazilian clue is to the Americans... .

Fizemos a notação de um novo problema encontrado nas produções. Novamente houve a troca de aspectos gramaticais importantes quando, por exemplo, no lugar de "(...) education's level (...)" eles usaram: "(...)do the level of education(...)" (grifo nosso), traduzidos como "faz o nível de educação", refletindo, mais uma vez, a despreocupação/desconhecimento com as regras gramaticais da língua inglesa. Isso evidencia que o que eles buscam é a tradução "simplista" e o mais próximo entendimento do que eles acreditam ser língua inglesa. Nas discussões em sala, alguns depoimentos como: "eu usei o tradutor" fizeram-nos, mais uma vez, direcionarmos a aula para outro problema: o uso inadequado dos tradutores *on-line*. E aí, nessa produção textual, que se mostrou mais curiosa do que o esperado, novamente adentramos num tipo de conteúdo e observação fora do que havíamos planejado, ou seja, falar dos cuidados que se deve ter ao se fazer uso desses dispositivos, especialmente por eles refletirem outros problemas, como, por exemplo, não conseguirem realizar uma tradução em que respeite a norma padrão da escrita. Com isso, ao digitar um texto no tradutor eletrônico, os estudantes não percebem que a produção que será devolvida estará sem regras e sem nenhum aspecto de concordância, principalmente por esses tradutores eletrônicos não possuírem nenhum mecanismo que reconheça as expressões idiomáticas da língua em estudo. Essa foi uma discussão positiva advinda das surpresas pedagógicas que a sala de aula impôs-nos. Daí resultam as habilidades exigidas para contornar esses momentos e que são, inevitavelmente, inerentes ao processo de ensino/aprendizagem.

Outro fato que nos chamou a atenção e que, evidenciado na pesquisa ao usarmos o *blog* como interface de ensino/aprendizagem, foi a exaltação política dada aos Estados Unidos. Mesmo deixando claro que os países envolvidos na pesquisa eram de origem europeia, como foi o caso do Reino Unido, eles comumente direcionavam a língua inglesa como central apenas nos Estados Unidos.

De certa maneira, muitos alunos não conseguiram compreender a proposta e, levados por alguma motivação, apresentavam primordialmente os Estados Unidos. Vejam o quadro:

Quadro 5: Excerto do texto produzido pelos alunos



Transcrição 4, anexo D: While many political struggle in Brazil, working for the good of themselves own, having no interesting in the population so favoring their relatives, leaving most without safety, health and education among others.... Upon assuming power is caus found a country as political and financial administration as a deficiency during eleven years worked hard to raise the country which today come from a contry in the decadence of the great powers of the wold."

Ao observarmos o excerto 4, podemos notar o esforço dos alunos para a produção do texto em inglês, porém o que é notado é o uso indevido de algumas palavras que tornam o texto quase incompreensível, como, por exemplo: “*while many political struggle (...)*”. A palavra “*struggle*”, quando traduzida para o português, assume significados variados, como esforço, luta etc. Como posta, a interpretação da expressão, causou-nos dificuldade quanto ao seu real significado. O excerto também trouxe alguns erros de grafia, como foi o caso das palavras “*country*”, “*world*” e “*cause*”, escritas como “*caus*”, “*wold*” e “*contry*” (grifo nosso). O que parece é que os alunos tentam, ao escrever, encontrar uma aproximação linguística, especialmente quando as palavras possuem entre si certa aproximação fonética. Essa ocorrência, mais uma vez, fez-nos alertá-los quanto ao cuidado com as diferenças entre fala e escrita.

Outro fato que nos chamou a atenção foi a flexão do verbo “*To Have*”, empregada com “*ing*” para transmitir uma ação, particularidade percebida especialmente em falantes que não tenham a língua inglesa como língua materna. Sabemos que, de acordo com regras gramaticais da língua Inglesa, o Verbo “*To have*”, assim como “*To like*”, não toma a terminação do gerúndio “*ing*”, pois essa partícula dá-nos a ideia de ação, e os verbos “*To have*” e “*To like*” não funcionam como verbos de ação. Assim, os usos de: “*having*” e “*liking*” não são regras permitidas na gramática de língua inglesa para designar ação. Esse é um erro comum cometido pelos estudantes, pois, na gramática oficial brasileira, esses mesmos verbos têm a marcação do gerúndio permitida. A saber: *tendo* e *gostando* (grifo nosso).

Os textos produzidos também evidenciaram outros “problemas”: a localização geográfica dos países pelo mundo foi um deles. Sem muito esforço, entendemos que os Estados Unidos não se localizam na Europa, mas sim no continente americano. Porém alunos do 2.º ano do nível médio não conseguiram identificar, de forma clara, os continentes aos quais pertenciam países como Inglaterra e Estados Unidos. Atrelado a isso, ainda está uma falsa ideia de que os Estados Unidos situam-se numa posição de país ideal para se viver, onde tudo é perfeito. Trechos retirados das produções de alguns alunos especificam bem algumas dessas visões:

Quadro 6: Excerto 5 e 6 retirados dos textos produzidos pelos alunos

<p>Estados Unidos X Brasil</p> <p>Os Estados Unidos, por si só, é um país que preocupa-se com o povo, ele elabora planos para a sociedade investindo na saúde, educação e segurança. Os (EUA) não é um país perfeito, mas se faz um país de boa qualidade, garantindo para as pessoas um bom lazer, como por exemplo o Central Park, um parque agradável.</p>	<p>Transcrição 5, anexo B: Os Estados Unidos é um país que por si só, preocupa-se com o povo, ele elabora planos para a sociedade, investindo na saúde, educação e segurança. Os (EUA) não é um país perfeito, mas se faz um país de boa qualidade, garantindo para as pessoas um bom lazer, como por exemplo o Central Park, um parque...</p>
<p>...do increases and this person ends up looking for jobs in other countries, countries that receive one of these people is the United States so the country has just filing a head for...</p>	<p>Transcrição 6, anexo C: ...do increases and this person ends up looking for jobs in other countries, countries that receive one of these people is United States so the country has just filing a head for...</p>

No trecho 1, observamos que o grupo de alunos concordou em afirmar que os Estados Unidos sempre estão pensando no povo, sempre tomam atitudes pensando no bem maior da população norte-americana. Mas sabemos que a história não é bem dessa forma. O país também tem seus problemas e dificuldades, e a população também costuma, assim como em países latinos, protestar por direitos. Mas percebemos que essa visão do *American Dream!* reflete, muitas vezes, o poder exercido pela universalidade da língua Inglesa e a hegemonia que ela estabelece no mundo, ou seja, a visão de subalternidade cultural vem sendo alimentada há séculos. É dos americanos a ideia vendida dos heróis combatentes, eternizados e sempre atuais. Assim, vende-se uma visão de “país perfeito” internalizado com a venda dessa imagem para o mundo. No segundo trecho, podemos observar que os alunos também têm dos Estados Unidos a visão do país que possui a solução para o desemprego e todos os males que assolam a sociedade.

Em nossas discussões, muitas vezes, fizemos redirecionamentos por entender que informá-los e ampliarmos discussões fortaleceria o grupo. Lembrávamos que o desemprego é um problema social em todo o mundo. Mas o que realmente nos preocupava era a não busca pela informação e qual seria a forma de tentarmos minimizar esses problemas. Por isso que o uso do *blog* não se deu apenas de forma unívoca, pois, além de motivar os alunos a produzirem textos, revelou em contrapartida

deficiências que ultrapassaram barreiras da língua e da gramática. Daí resultou uma importante observação: a importância da intertextualidade nas aulas. Não podíamos fechar-nos para esse processo. Quando havia dificuldade, recorriamos a outras disciplinas, principalmente para fortalecer nossos objetivos que eram de um entendimento solidificado dos alunos. E aprender uma segunda língua passa, obrigatoriamente, pelos processos de construção históricas, geográficas e gramaticais de um povo.

3.2 Discutindo os *podcasts*: a oralidade como fator revelador de deficiências na fala dos estudantes de Língua Inglesa

Neste tópico, destacamos as discussões orais (através de entrevistas) como um dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, pois a necessidade de avaliar o aprendizado dos alunos, no que diz respeito ao idioma inglês, fez-nos buscar respostas para as inquietações que surgiram no decorrer da pesquisa. Entendemos que desenvolver a competência oral dos aprendizes de língua inglesa em nossas escolas ainda está situado num estágio fora do desejado para que se almeje o mínimo domínio possível dessa língua, em especial pelos fatores diversos que passam pela infraestrutura das escolas, excessos de alunos e a ausência de materiais específicos que ajudam a auxiliar o processo de ensino/aprendizagem. Diante disso, o uso do recurso *podcast* pareceu-nos útil na tentativa de sanar as carências apresentadas pela escola em que atuamos, assim como para aquelas que estejam apresentando alguns dos problemas listados anteriormente.

Cuidadosamente, lembramos aos alunos que a oralidade era uma das habilidades que eles deveriam ter, mas que, até aquele momento, tinha sido a competência menos trabalhada por eles e que, por ser este um fator especial das escolas públicas, tentaríamos, através dos *podcasts* inseridos nos ambientes, trabalhar essa habilidade, mesmo com o tão pouco tempo destinado a essa disciplina, ou seja, duas horas/aula semanais. Porém, mesmo depois dessas explicações, a necessidade

que possuíamos de analisar, através de entrevistas, os alunos que compunham a turma, causou-nos certa inquietude. Enfaticamente, eles a rejeitaram. Estávamos numa outra fase da pesquisa, tínhamos um *blog* construído de forma coletiva, uma participação intensa nas atividades *postadas*, *feedbacks* textuais, entretanto a inibição causada pelo medo do erro causava-lhes uma recusa diante da possibilidade de eles serem entrevistados, e, assim, inevitavelmente, um fator negativo que lhes atrapalharia ainda mais o aprendizado.

Em muitos momentos, reiterávamos que, para aprender uma língua, há que se falar muito, ouvir muito, escrever mais ainda e, naturalmente, até que seja formado um vocabulário adequado, o estudante vai errar muito, aprender com os erros, tentar de novo. Uma criança, por exemplo, desenvolve o seu vocabulário desta forma: tentando, acertando, errando e corrigindo. O adolescente e o adulto, muitas vezes, têm menos tempo, precisam de resultados muito mais rápidos, de vocabulários mais profundos para descrever cenários e conceitos, porém não se aprende sem muita repetição, sem errar, sem ser corrigido. Quem quer aprender tem que ter a coragem de errar, de arriscar-se a cometer gafes. Quanto mais exposição, maior oportunidade de aprendizagem.

Fizemos a notação de que nosso *blog* não havia sido construído de forma despropositada. Ele possuía, inclusive, direcionamentos e suporte de conteúdos que iriam auxiliá-los naquele momento das entrevistas. Sua configuração, arquitetada por eles mesmos, havia sido planejada para tentar atenuar as dificuldades antes apresentadas. Por isso, não estava clara a recusa da sala, quando da catalogação das entrevistas que, naquele momento, correspondia a outro momento importante na pesquisa de que, outrora, todos se haviam comprometido em participar. As pessoas aprendem de forma diversa, relatamos. Há àqueles que são visuais, gravam mais com imagens, outros aprendem escrevendo, outros precisam ouvir, repetir, para, assim, encontrar sua forma de aprender. E com a oralidade não é diferente. A importância do contato com a língua diariamente é relevante. Os materiais dispostos no *blog*, como os *podcasts*, tinham essa funcionalidade, ou seja, tornar aquele tempo, às vezes tão curto, em algo produtivo.

Depois desse momento de reflexão, resolvemos lançar mão de uma entrevista puramente composta pela Língua Inglesa. “Vocês podem se valer da língua materna”, relatávamos. Conseguimos reunir cinco alunos que se mostraram dispostos a ser

entrevistados. Com esse número, duas respostas foram dadas em sua íntegra em língua inglesa; e três em língua portuguesa. As entrevistas foram realizadas com o objetivo de obter informações e dados que pudessem ser interpretados e direcionados a temas ligados ao nosso objeto de pesquisa, ou seja, *o blog*. Nas respostas dadas, observamos a expressão oral, a “competência linguística” e o comportamento dos alunos ao se referirem às postagens do ambiente.

Iniciamos nossas interpretações com o excerto da entrevista que foi concedida por uma aluna que, como iremos observar, e apesar do domínio limitado, imaginávamos que possuía certo conhecimento da língua Inglesa. De início, foi perguntado à aluna sobre “qual era sua opinião acerca do uso das tecnologias nas aulas de inglês”. De pronto, e aparentando uma calma incomum, sobretudo depois do pânico que rodeou os alunos, ela responde: “*Technologies are important because the students (...)*” Valendo-se da disposição gramatical correta na construção da frase. Houve certo contentamento e boa expectativa em relação às respostas que estavam por vir, mas a sucessão dos fatos não foi assim tão animadora. A aluna apresentou dificuldade para expressar-se em inglês o que, conseqüentemente, fez a entrevista enveredar, muitas vezes, para a incompreensão quando da análise dos dados²⁰.

Quadro 7: Excerto da entrevista cedida pelo aluno 1

Teac: *So, Hi, student!*

L1: *Hi!*

Teac: *What do you think about Technologies in learning/teaching english?*

L1: *Technologies are important, because the students (++) change the (++) change? And (++) you (++) to the movies in a blog (++) techonologies is important because is so easy to (++) quick. Ah (++) is fun, and (++) school but students that (++) is Facebook (++) And I think blog is important because (I*

²⁰ A partir de agora, nas análises das transcrições, e quando houver ausência de fala na oralidade e respostas dadas pelos alunos em até 6 segundos, utilizar-nos-emos do símbolo (++) para realizar essa marcação. Para isso, seguiremos as indicações acerca da transcrição e dos processos gráficos da análise da conversação estudados por Luis Antônio Marcuschi em seu livro **Análise da conversação**, São Paulo, Ática, 2003.

don't remember the word) (++) the distance (++) so!

Teac: *So! Ok! Ok! Don't worry!*

No primeiro trecho da entrevista, parece-nos que o discurso havia sido previamente formulado, ou que pudesse ter havido uma busca pela repetição da fala do professor. Isso se comprova quando, no segundo trecho, a quantidade de espaços mudos e hesitação ficam mais visíveis e, a partir daí, a aluna começa a sentir dificuldades de expressar-se em uma segunda língua. “(...) *is fun, and (++) school but students (...)*”, a fala da aluna começa a ficar incompreensível, e as palavras que antes haviam sido tão bem dispostas passam a não mais manter entre si uma relação sintático-semântica. Nesse momento, e da percepção de desconforto da aluna, ela pede para que a entrevista seja direcionada para os conteúdos dos filmes postados “*Ok! Ok! I got talk the movies*”. Segue:

Quadro 8: Excerto da entrevista cedida pelo aluno 1

L1: *Ok! Ok! I got talk the movies.*

Teac: *Yes, you can talk.*

L1: *The system, psychologist and story and we don't know say () I see “The Speech of King” and I see () all system government.*

Novamente, e apesar de termos direcionado o tema para algo com que ela supostamente se sentiria mais confortável, as dificuldades na fala persistiram, principalmente pela falta de estrutura lexical. A aluna não possuía o conhecimento básico dos tempos verbais, o que desaguou no uso inadequado dos mesmos, em especial na troca de um verbo utilizado no presente “I see The Speech of King (...)” (grifo nosso), quando seu uso correto deveria ter sido marcado no tempo passado “I saw”. Outra dificuldade apresentada na mesma frase foi quanto ao uso do Genitive Case (‘s), conteúdo gramatical da língua inglesa usado para fazer a marcação de posse. Diante dessa ocorrência, teríamos como expressão correta, segundo as regras gramaticais, o uso da forma: “I saw The King’s Speech (...)” (grifo nosso). Pacientemente, e sem demonstrar qualquer tipo de desdenho ou repulsa, tentamos direcionar nossa entrevista para um ambiente mais natural possível. Era conversa de cavalheiros. O momento não era oportuno e não admitia bloqueio por parte do professor. Por isso, todo o cuidado e naturalidade diante da aluna e dos expectadores que ouviam atentamente o desenvolvimento da conversa.

Percebendo sua dificuldade, ao responder à outra pergunta sobre os aspetos culturais.

Quadro 9: Excerto da entrevista cedida pelo aluno 1

Teac: Can you observe the difference about the culture between England and Brazil?

L1: So many differences!! This government, the socialty (++) socialty?

Teac: Society?

L1: Yes! The peoples, the form of think of King, the peoples of Power of difference (++) Is a pleasure to see the picture of King.

Nesse trecho, e pela temática abordada nos filmes, observamos que havia, naquele momento, uma empolgação nas respostas dadas. Percebeu-se na fala que os filmes a que foram assistidos, e também compreendidos pelo aspecto visual trazido pelo *podcast*, aproximavam-na de um vocabulário mais íntimo da língua inglesa. Esse comportamento fez-nos perceber que os alunos, naturalmente, faziam uma seleção vocabular automática do que lhes parecia fácil e, conseqüentemente, excluíam as

construções mais “complicadas”. Porém, e apesar dessa descontração momentânea, a oralidade desaguou em outros problemas de concordância, principalmente quando do uso inadequado do termo “*Yes! The peoples, the form of think of King, the peoples of Power of difference (...)*” (grifo nosso) em que a aluna não soube diferenciar o substantivo singular **people**, que significa **povo, nação**, de seu plural **peoples**, significando **povos, nações**²¹. Já no trecho “*Is a pleasure to see the picture of King.*” (grifo nosso), percebemos que aluna não deixou claro se o uso do termo “Picture” era direcionado para o substantivo “King”, ou a alguma figura ou gravura contida no termo “Movie”. Essas confusões certamente acontecem, pois é comum, quando ao estudar um segundo idioma, que os alunos passem a usar conhecimentos prévios de leitura e escrita, realizando, assim, inferências com a língua materna. Mesmo sabendo que a maior parte dessas analogias não mantinha entre si correspondências, existe um conceito abrangente, vindo da área de alfabetização, que pode ser usado em Língua Estrangeira: o desenvolvimento de comportamentos leitores e escritores por meio das práticas sociais vividas por cada um.

A segunda entrevista²², ainda concedida em língua inglesa, foi realizada com um estudante que também se revestia dos mesmos artifícios utilizados pela aluna anterior, ou seja, um discurso preparado, direcionado e que, provavelmente, também não admitiria mudanças de rota. Leia-se:

Quadro 10: Excerto da entrevista cedida pelo aluno 2

Teac: *Hi!*

L2: *Hi!*

Teac: *What do you think about the use of Technologies in learning/teaching english?*

L2: *So (++) the new Technologies starts with the cellphone, the cellphone (++)*

²¹ Seguimos as orientações gramaticais contidas na ***Practical English Usage*** de Michael Swan, Ed. Oxford, 2013.

²² Ver anexo E

eh (++) all the phone have apps que (++) which makes the learning of english.

Teac: *Ok!*

Observamos que as respostas pareciam que já estavam conectadas, uma espécie de discurso pré-definido. A primeira intervenção deu-se com a mesma pergunta feita na primeira entrevista, porém desviamos o sentido da indagação anterior e observamos que, a princípio, não tinha havido um entendimento devido a essa nova formulação. Questionamos sobre o que ele achava a respeito do uso das tecnologias nas aulas de língua inglesa. Sua resposta foi redirecionada para um suposto uso dessas tecnologias na sala de aula “*the new technologies starts with cellphone*”. Pelo desvio dado na resposta, não entendemos inicialmente o que o estudante quis afirmar, principalmente pelo uso do termo “*cellphone*” ter sido usado no lugar de “*mobile phones*” para fazer referência aos aparelhos celulares. Na continuidade, ele ainda afirma que “*all the phone have apps*”, ou seja, que todos os telefones celulares possuem aplicativos, mudando, assim, todo o contexto inicial de nossas indagações. E, assim, se segue:

Quadro 11: Excerto da entrevista cedida pelo aluno 2

(...) my friend Igor (++) he has a cellphone of have na (++) android system, that system can download by internet a system of makes you learn (...) for english, for example, the (++) I am using the english to learn, learn new languages, for example, now, I'm learning German, the German I'm not learning by the portuguese, I'm learning by the english, for example, I have to traduce for the german to the english or to the english to the german. In this way I make stronger my german language and my english language (++).

O que podemos observar nesse trecho é que o aluno explica, ou tenta explicar, o fato de o uso do celular também ser uma importante ferramenta de aprendizagem. Essa geração já nasceu pertencendo a um importante processo de evolução tecnológica; e esse fato tem dado a eles esse apreço a todas as coisas ligadas à tecnologia, como é o caso dos celulares modernos e cheios de aplicativos. Também foi

visível o fato de que o aluno faz uso de aplicativos para aprender outras línguas, o curioso é que uma língua não tão próxima de nossa cultura, como foi o caso do alemão, vinha despertando no aluno certa curiosidade investigativa, (...) *learn new languages, for example, now, I'm learning German, the German* (...). Indagamos que: se ele não tinha o domínio da língua inglesa, disciplina, por exemplo, cobrada no currículo escolar, por que o interesse pelo alemão? Acreditamos que esse seria um provável discurso para despistar-nos, ou melhor, criar um contexto de domínio para ele. Pensamos que as tecnologias têm permitido essa inserção linguística desses alunos. Uma ampliação de conhecimento intensa e, muitas vezes, simultânea. A aprendizagem de uma segunda língua, principalmente daquelas que despertam mais interesses no aluno tem, através dessas tecnologias, diluído fronteiras e aumentado o acesso à informação, como o interesse na aprendizagem da língua alemã, por exemplo. Enfim, era análise linguística da língua inglesa o que nos interessava naquele momento.

Apesar de o aluno possuir um domínio vocabular da língua inglesa, percebemos as mesmas sequências de erros gramaticais cometidos pela aluna anterior. Linguisticamente, ele trazia aquelas mesmas inferências e, assim, deixava marcado na oralidade a construção sintático-linguística de sua língua materna, ou seja, comunicar-se em inglês se utilizado da mesma ordem de construção semântica. (...) *"I'm using the english (++) the german I'm not learning by the portuguese (++)*, (...), (grifo nosso)". Esse trecho reflete bem isso. O aluno vale-se da palavra "the" sem fazer qualquer distinção semântica do artigo definido "o" utilizado na gramática de língua portuguesa. Na sucessão, comete mais um erro fonológico, quando, na tentativa de encontrar uma palavra que tivesse a função da preposição "in", utiliza-se da contração "by" e do artigo "the", para completar seu pensamento. Sinal de mais uma construção realizada através das inferências de sua língua materna.

Em outra passagem da entrevista, o aluno ao referir-se à melhora de seu conhecimento linguístico acerca da língua inglesa, usa a palavra "stronger" no lugar de "improve". Percebemos, em vários momentos, que o aluno trazia para a oralidade um vocabulário acerca dessas tecnologias que ele já dominava. Ele sempre direcionava a entrevista para a importância dos aplicativos de celulares. Porém esse desvio, naquele contexto, atrapalhava-o. Diante disso, conseguimos direcionar bem a entrevista, pois como ele havia iniciado sua fala cometendo um desvio, a nossa pergunta inicial direcionado para a importância dos celulares em sala, *"the new technologies starts with*

cellphone” ficou mais fácil de redirecionarmos a pergunta sem constrangê-lo. *Ok! Ok! And “What do you think about the use of Technologies in learning/teaching english?”*. Nosso objetivo era de, através da visão de nossos alunos, entendermos se o processo de aprendizagem realizado no *blog* estava proporcionando a eles o resultado esperado.

Observem:

Quadro 12: Excerto de entrevista cedida pelo aluno 2

Teac: Did you remember about the blog in our classes?

L2: I so, I don't entered in that blog (++) very times, but sometimes of I entered in that blog I obseverd of have some, how gonna say games? Of makes you ehthhhhhhhh, exercise your language by have the (++) portuguese. That (++) blog have principally some movies of you have sent to me.

Como resultado do redirecionamento, pudemos notar, na fala do aluno, as mesmas deficiências léxicas já apresentadas nas entrevistas anteriores. O uso de “(...) “very times”, (...) “how gonna say” e (...) “principally” (...)”, por exemplo, foram empregados mais uma vez num contexto de inferência linguística. Sequencialmente, há o uso da correspondência “very good” (muito bom), com “very times”, desaguando num contexto de substituição semântica de “many times” (muitas vezes). O aluno não conseguia, sequer, fazer a distinção entre os advérbios *many/much*.

Quando optamos pela realização da entrevista, buscamos entender quais eram os “erros” mais comuns cometidos pelos alunos no processo de aprendizagem da língua inglesa no Ensino Médio. Marcuschi (2003) lembra a importância de analisar-se a oralidade, quando se objetiva fugir da análise apenas textual. Entendemos que as situações interlocutivas trouxeram como fator de importância suas opiniões e expressões linguisticamente. Por isso, a iniciativa de trabalhar-se com o *blog*, proporcionar ao aluno múltiplos momentos, especialmente por ter sido esse um contexto em que pudemos criar e avaliar competências de produção oral e escrita.

Percebemos, e levamos essas observações para o ambiente, que o grande entrave na pronúncia daqueles alunos era que eles não tinham uma base gramatical sólida. Não conseguiam distinguir, por exemplo, aspectos gramaticais considerados

“básicos” para compreender-se a estrutura frasal dessa língua. O aluno não conseguiu perceber os usos distintos dos termos “Very” (usado geralmente antes de adjetivos: *very beautiful, very hot, very cold*), “Many” (*adv. plural*. Muitos) e “Much” (*adv. Sing.* Muito), leva-nos à clara percepção dessa não solidificação gramatical.

A entrevista dada pelo aluno também fortaleceu nossas observações sobre o uso das tecnologias no processo de ensino/aprendizagem, principalmente por ele nos confidenciar seu contato frequente com tecnologias que, certamente, foram responsáveis por esses desvios gramaticais cometidos durante a entrevista. Relatou que, apesar de ter entrado poucas vezes no ambiente, observou atentamente os filmes postados, mas que, independentemente do *blog*, sempre tinha contato com a língua inglesa através de aplicativos como celulares e jogos *on-line*:

Quadro 13: Excerto da entrevista cedida pelo aluno 2

L2: The movies makes (++) the stronger to and they principally when you watching with subtittles (++) was in that way I learn english. I don't learn english in my school, I didn't learn english in any type of school of course, but I learn english watching movies with subtittles, playing videogames with subtittles. Was in that way of the technology entered in my life and make me learn english.

O fato de ele ter relatado que não aprendeu inglês na escola demonstrou para nós a incredulidade de alguns alunos, quando propusemos o *blog*. Ele insistentemente fala dos jogos *on-line* e dos aplicativos dos celulares. Tais fatores podem estar diretamente relacionados ao mito de que não se aprende uma língua estrangeira na escola, pois esses alunos que têm esses discursos já devem ter ouvido e vivido as histórias sobre as deficiências do ensino, por exemplo, em escolas públicas. Porém fomos taxativos ao lembrar que escolher esse ambiente como estratégia de ensino partiu da tentativa de atenuarem-se esses descréditos impostos ao ensino da língua inglesa em escolas públicas. Foi um compromisso assumido. Assim, realizar um trabalho sério e eficaz, mesmo sabendo da carga horária reduzida, da carência de formação de alguns professores e da já rebatida falta de estrutura das escolas. O primeiro crédito que inicialmente podíamos ter de nossos alunos era a da percepção de que este projeto/iniciativa busca romper com tudo isso. Não poderíamos ficar atrelados

aos aspectos deficitários vividos pela maioria até aquele momento. O objetivo, agora, era o de estabelecer metas e alcançar resultados.

Em sua continuidade, perguntamos ao aluno se a *interface* realmente estava o ajudando no aprendizado da língua:

Quadro 14: Excerto da entrevista cedida pelo aluno 2

Teac: Ok! Ok! So, you think blog helped you?

L 2: Helped a lot! Principally for the people of have any type of () eh... kind of () contact with the language, but they can have contact, but they won't. They have internet, for the internet you can learn the language of you can (++), but they stay in Facebook, Msn, Skype, principally games. But they don't learn new languages.

Como resposta, ele afirma que por já ter tido contato com outras tecnologias que envolvem a língua inglesa, o *blog* não fora assim tão importante, mas ele observava que havia ajudado àqueles que não possuíam esse contato mais direto com este tipo de ambiente, sobretudo, pois, seus acessos à *internet* geralmente não eram direcionados a estudos escolares, mas, sim, às redes sociais como *Facebook*, *Instragam* e *Skype*. Fato este, já comprovado por nós quando da pesquisa inicial de criação do nosso *blog*.

O ensino de uma segunda língua não ganha mais amparo nos tradicionalismos ancorados pelo uso do giz. O crescente uso das tecnologias no processo de ensino/aprendizagem mantém uma íntima relação com as escolas. Se elas não a possuem, seus alunos a “emprestam”. A escola deve ter um caráter dinâmico e produtivo, e essa interação nunca será possível, se não houver de sua parte uma adequação a essas mudanças. A análise e os resultados dos dados, por exemplo, deixaram claro que o processo de inclusão digital está em pleno desenvolvimento e vem proporcionando à sociedade a quebra de paradigmas no processo de ensino/aprendizagem, em especial pela disposição de ferramentas que estão servindo de apoio e suporte na elaboração e desenvolvimento das aulas. Os fóruns, as *wikis* e os *blogs* têm-se mostrado capazes de multiplicar conhecimentos, inclusive com a disponibilização de ambientes como *Moodle* e *Teleduc*, que têm proporcionado aos

professores suporte para que essas ferramentas sejam usadas exclusivamente direcionadas à educação.

Atualmente, encontramos na rede uma infinidade de recursos multimodais que têm auxiliado no processo de aprendizagem, fazendo com que os alunos transformem seus ambientes de estudos em espaços dinâmicos e interativos.

3.2.1 O outro lado da oralidade: a análise das entrevistas dos estudantes de língua inglesa e sua implicação na língua materna

Como já afirmado, dos cinco alunos que se dispuseram a participar da entrevista, apenas dois responderam às indagações em língua inglesa. Reportamo-nos a eles, observando que o processo de interação com a tecnologia proposta também permitia que em nossas análises fosse investigado o processo de produção oral e escrita dos alunos em sua língua materna. São aspectos de produção importantes até mesmo para avaliarmos seu comportamento na aquisição de uma segunda língua. Obviamente essa análise em língua materna não poderia ser descartada, até mesmo pelos elementos constituintes da cognição. E assim o fizemos:

Quadro 15: Excerto da entrevista cedida pelo aluno 3

Prof: Certo! Você lembra que postei alguns filmes no *blog* e você acha que contribuiu para o ensino? Você aprendeu mais inglês?

L3: Simmmm! Foi bom porque deu para conhecer um pouco da cultura dos outros países.

De forma vaga e direta, o aluno não deixou muito claro se ele realmente compreendeu a pergunta – feita em língua portuguesa inclusive. Não fomos enfáticos ao lembrá-lo das postagens de “The Iron Lady” e “The King’s Speech”, até porque buscávamos perceber se ele realmente teria assistido aos filmes e se tinha mantido uma interação com ambiente. “*Simmmm! Foi bom, porque deu para conhecer um pouco da cultura dos outros países*”. Existiam informações dos filmes como os aspectos culturais e políticos retratados que não tinham sido mencionados por ele, mas insistimos:

Quadro 16: Excerto da entrevista cedida pelo aluno 3

L3: Eh...(++) pra diferenciar uma cultura da outra.

Prof: Mas você acha que contribuiu de fato para melhorar o seu inglês? Pra aprender um pouco mais sobre a cultura?

L3: Sim! Porque os filmes sempre “ajuda” a aprender novas palavras em inglês.

O aluno demonstrava ter dificuldades de expressar-se oralmente. Apesar de mostrar-se disposto a colaborar com as entrevistas, com a condição de ser em sua língua materna, reiteradas vezes, ficava perceptível esta dificuldade. Este é um aspecto importante observado na pesquisa porque não se pode aprender uma segunda língua sem que sejam desenvolvidos/trabalhados os aspectos inerentes à habilidade oral. Mas uma vez, e com todo cuidado, procuramos meios de tentar atenuar essas dificuldades na entrevista. Perguntamos se a postagem dos filmes no *blog* havia contribuído para melhorar seu inglês “(...) *os filmes sempre ajuda a aprender novas palavras em inglês*” (grifo nosso). Durante nossa pesquisa observamos que a falta de elementos gramaticais importantes da língua materna do falante que almeja aprender uma segunda língua não é solidificada, isso se deu, ao percebermos a dificuldade que ele demonstrou do não conhecimento de alguns aspectos estruturantes da construção linguística de sua própria língua. Vejam: conseguimos identificar em uma entrevista dada em língua portuguesa a ausência de dois elementos importantes, a dificuldade da habilidade oral e a não percepção dos aspectos de concordância verbal quando do trecho “(...) *os filmes sempre ajuda a aprender novas palavras em inglês*”. Essa fronteira entre a fala e a escrita do aluno é preocupante, pois interfere, muitas vezes, no não compromisso de aprendizagem da oralidade e da escrita.

A análise que temos feito dessas oralizações e produções textuais é que, em sua maioria, os estudantes que participaram do *blog* e entregaram textos e contribuíram com as entrevistas de forma oral; ainda se utilizavam de uma oralização derivada do ambiente criado. Eles corriqueiramente, nas discussões *on-line* acerca das postagens, utilizavam-se de uma linguagem típica dos adolescentes frequentadores dos mais variados tipo de redes sociais: o *internetês*. O não cuidado por parte dos

alunos em não separar adequadamente as variações da língua, norteou essas observações e investigações, e que, a nosso ver, são preocupantes. Percebemos, com isso, a necessidade de mais uma vez redirecionar nossas aulas para apresentação do processo de variação linguística presente ao ambiente dos adolescentes, e lembrá-los de que a língua materna tanto dos falantes de língua inglesa como de língua portuguesa é composta de muitas variedades linguísticas.

Os filmes postados, por exemplo, tinham essa perspectiva de direcionar os alunos da escola a correspondência existente entre a fala e a escrita. A experiência obtida por eles ao se utilizarem do *blog* implicou um novo olhar sobre o ensino/aprendizagem, especialmente de nossas práticas discursivas. Tínhamos, inicialmente, o objetivo de proporcionar aos alunos uma nova forma, mais amadurecida, de produção oral e escrita diversificada. Identificar, através dos vários conteúdos dispostos no ambiente, suas composições estruturais e estilísticas para, assim, realizarem sempre, e, a partir dessa metodologia, as análises sociais, culturais e gramaticais em suas produções tanto em língua portuguesa quanto em inglesa, passando, com isso, a vivenciarem novos discursos, novas visões.

Lúta Lerche Vieira (2005), nos lembra de que

Em termos de instrução para redigir nada se modificará se os alunos apenas forem colocados diante de um processador de texto, aprendendo os comandos existentes. O papel indispensável do professor continua sendo o de criar situações verdadeiras de uso da escrita, demonstrando como se redige, em tarefas voltadas para os diferentes subprocessos envolvidos na produção de um texto, trabalhando conteúdo, estrutura e estilo, mostrando como integrar diferentes níveis linguísticos (palavra, frase, parágrafo e texto). E, acima de tudo, propondo situações de ensino significativas, que mantenham o caráter comunicativo da linguagem. (VIEIRA, 2005, p. 201).

E foi esse caráter comunicativo que buscamos. Proporcionar a esses alunos terem um maior contato com não somente com a língua inglesa, mas a rever o contato com sua própria língua. É sabido que, ao inserirmos as tecnologias na sala de aula, não teríamos como resultado a solução de todos os problemas propostos, quando do início da pesquisa, mas propor, criar e discutir soluções deve ser tarefa inerente de todo os que compõem o corpo educacional da escola. Nosso objetivo era proporcionar uma motivação a mais com tecnologias presentes em seus círculos sociais, ou seja, trazê-las para a escola para que proporcionasse a seus estudantes um ensino

prazeroso e, acima de tudo, significativo. Por isso a insistência ao perguntarmos: “*E a respeito do professor que usa essas tecnologias na sala de aula?*”

Quadro 17: Excerto da entrevista cedida pelo aluno 3

Prof: E a respeito do professor que usa essas tecnologias na sala de aula?

L3: É bom (++) que ajuda (++) porque se ficar na gramática, gramática, gramática a pessoa não entende muito bem (++)

Prof: Sai da rotina?

L3: Eu acho que o professor deve trazer mais tecnologia pra sala de aula, porque ajuda muito, ainda mais a parte do *blog* que ajuda pra poder tirar as dúvidas que a pessoa tem.

Por que sua resposta “*É bom (++) que ajuda (++) porque se ficar na gramática, gramática, gramática e a pessoa não entende muito bem (++)*” já se direciona para um contexto esperado: a rotina e a mecanicidade com que as disciplinas, especialmente a língua inglesa, vêm sendo tratadas.

Quando reiteradas vezes ele cita o ensino repetitivo da gramática, ele denuncia o não sentido do ensino e as não inovações contidas nele. Vejam:

“(…) ajuda (…)” e logo após cita “(…) porque se ficar na gramática, gramática, gramática a pessoa não entende muito bem” (grifo nosso). Tentamos, ao propor o *blog*, fugir desta gramaticidade incessante, massiva e, em alguns momentos, posta de forma aleatória e descontextualizada. E essa observação é fortalecida, quando mais uma vez ratifica sua opinião nos lembrando de que “*Eu acho que o professor deve trazer mais tecnologia pra sala de aula, porque ajuda muito, ainda mais a parte do blog que ajuda ‘pra’ poder tirar as dúvidas que a ‘pessoa’ tem*”. É a mesma opinião de nossa quarta entrevistada. Ela também ressaltou a importância do *blog* nas aulas de língua inglesa:

Quadro 18: Excerto da entrevista cedida pelo aluno 4

L4: Assim () melhorou muito (++) porque como o senhor disse, a gente tinha a última aula na semana que a gente passava o dia todo no colégio, então quando chegava na última aula, eu tava cansada, todo mundo tava cansado sem prestar atenção direito e no sábado eu chegava, entrava no *blog* e tava lá

a postagem de todo conteúdo (++) aí eu ia lá relia o assunto, via e aprendia mais, então ajudou muito.

O *blog* foi criado como interface de ensino de inglês, para que os alunos tivessem mais um recurso, que ajudassem na aquisição de uma língua estrangeira, visto que nossas aulas aconteciam em apenas uma hora/aula por semana, tempo insuficiente para termos no momento presencial, uma aula que comportasse qualidade e quantidade. Uma das principais motivações para utilizarmos um *blog* como interface do processo de ensino/aprendizagem parte daí. Acharmos soluções e não nos situássemos na omissão e no descompromisso diante de uma realidade que não nos era favorável. “(...) *a gente tinha a última aula na semana que a gente passava o dia todo no colégio, então quando chegava na última aula, eu tava cansada, todo mundo tava cansado sem prestar atenção direito e no sábado eu chegava, entrava no blog e tava lá a postagem de todo conteúdo (...)*”. Por isso nossas leituras e intertextualidades diversas, principalmente quando, reiteradas vezes, recorreremos às teorias sócio-construtivistas do desenvolvimento com ênfase no papel do ambiente social, no desenvolvimento e na aprendizagem tão pontuada por Vygotsky. Objetivamos esse diálogo no *blog*. Nessas teorizações, procuramos não nos esquecer de que estávamos naquele momento atuando como os mediadores da aprendizagem. Buscando, com a construção do ambiente, facilitar-lhes o domínio e a apropriação dos diferentes instrumentos culturais, porém buscando incessantemente dar sentido ao que lhes parecia ilógico, ou seja, a busca pelo desenvolvimento de estratégias que os direcionassem para um aprendizado significativo e, quiçá, mais próximo. Acreditamos que a continuação do depoimento da aluna explicita bem esse nosso desejo:

Quadro 19: Excerto retirado da entrevista cedida pelo aluno 4

Prof.: O professor que faz uso das tecnologias nas aulas torna a aproximação da língua inglesa mais efetiva?

L4: Aproxima porque o estudante hoje passa muito tempo na Internet via Facebook entre outras coisas, então não tem porque (++) ele tava também utilizando a *internet* na rede social, ele “ia pro” blog, porque era isso que eu fazia olhava o *blog*, aprendia o assunto, via os filmes as postagens e entre

outras coisas, por isso que o *blog* me ajudou muito.

Fazemos uso dessa extensão virtual “*Aproxima porque o estudante hoje passa muito tempo na Internet (...)*” em algo direcionado, produtivo e que, conscientemente, despertasse nos nossos alunos as diversas formas de ensino/aprendizagem que ultrapassam as fronteiras da escola “*(...), utilizando a internet na rede social, ele ‘ia pro’ blog, porque era isso que eu fazia olhava o blog, aprendia o assunto, via os filmes as postagens e entre outras coisas, por isso que o blog me ajudou muito*”. Esperamos, assim como nas orientações de Vigotsky e Piaget, tentar chegar um pouco mais perto do chamado desenvolvimento dos indivíduos/alunos e não, apenas, buscando e pensando nas mudanças quantitativas, mas sim em transformações qualitativas de um pensamento agora desejado, ordeiro e significativo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos, sinceramente, que não chegamos a esta fase de produção da pesquisa pensando em conclusões. Devemos chegar às novas fases ancoradas, primordialmente, em inconclusões. São elas que nos direcionam e não nos permitem figurar em trabalho bem feito, finalizado. Melhor não direcioná-los a engodos, mas utilizar-nos nesta discussão das alegorias mais comuns e presentes, repetitivamente, em todo o texto. Valemo-nos dos aspectos sociais de leitura e escrita. Esperamos ter deixado como legado nossa participação mediada e ativa. Buscamos propor novos caminhos e, ao mesmo tempo, justificar e explicá-los. Interpretar rótulos nem sempre é tarefa fácil, principalmente, a depender do produto. E, neste caso, nossa referência interpretativa foi o histórico processo de ensino/aprendizagem que busca, há décadas, respostas significativas, estudos aprofundados e novas respostas para um processo tão mimético tanto para alunos como professores.

Buscamos com o *www.learnenglishcpm.blogspot.com*: realizar atividades mais significativas, criar situações reais de comunicação e escrita; produzir conhecimento/informação no processo educacional; transformar nossos alunos em receptores e propagadores ativos do conhecimento; oferecer um espaço nessa incessante busca por melhores caminhos que contribuam para o processo de ensino/aprendizagem, uma tentativa da não limitação didática tão maçante e que tem provocado grandes debates. Nessa busca por proporcionar aos nossos alunos um maior contato com a língua inglesa, foi importante perceber a vontade e a motivação que foram estabelecidas em nossa sala.

Enquanto pesquisadores, percebemos mudanças significativas, a saber, no comportamento, na disciplina e na retomada da autoestima. “Sim, nós podemos aprender uma segunda língua de forma diferenciada e com mais direção”, relataram os alunos. Faltava vontade e atitude, e a pesquisa proporcionou-nos esse elo. Com investigações, estudos de caso, intertextualidade e diálogos com as mais diversas teorias educacionais, evidenciamos que os alunos têm, sim, interesse em aprender outro idioma, entender as letras das canções e poder cantá-las; comunicarem-se com outros povos *via internet*. Essas necessidades dos alunos, ou seja, a sociointeração, perspectiva do pensamento do psicólogo Lev Vygotsky (1896-1934), já vêm sendo

indicadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) há algum tempo, observando-se especialmente as questões relativas aos contextos sociais, às interações e às mediações. Foi a mediação através da linguagem e o seu lugar num dado momento social, político e cultural o que buscamos aprofundar em nossa pesquisa, sobretudo quando nos utilizamos do gênero filme.

Um novo olhar de satisfação foi dado à disciplina de língua inglesa, em especial no fornecimento de dados realizados a partir de uma língua que eles consideravam, pelo menos no contexto escolar, como menor semanticamente. Isso aconteceu pela mediação pedagógica e quando os alunos perceberem na proposta a importância de se aprender uma segunda língua. E as tecnologias inseridas na educação permitiram-nos novas maneiras de pensar e adquirir conhecimentos de forma coletiva, com postura didática, planejamento escolar e afirmação discente.

O professor deve sempre estar atento aos novos desafios que visem a melhorar a educação, sem deixar de observar os recursos disponíveis para isso. A utilização do *blog* somente foi possível, porque nós tiramos as vendas e propusemos-nos a encarar o problema da carga horária reduzida e da estrutura deficitária, por exemplo, sem maquiagens. Estendemos a sala de aula para além desses fatores desestruturantes e buscamos nas tecnologias uma ferramenta de suporte ao ensino/aprendizagem de inglês. Sua construção não objetivava que ele fosse visto como a solução para os desarranjos pedagógicos da escola, mas sim em mais um constructo de caráter motivacional, uma busca pelo compartilhamento linguístico, gramático e cultural. E isso se efetivou, quando da consciência e da busca permanente de recursos que aperfeiçoaram as aulas. Foi a busca pela desmistificação da tão propagada ideia de que não se aprende inglês em escola pública.

A pesquisa também submete revisões de posturas, questionamentos teóricos e pedagógicos, inerentes e necessários à academia. Porém, sem desatentar para o fato de que as tecnologias estão inevitavelmente inserindo-nos em uma “cibercultura” e que tem tornado possível a reformulação de documentos oficiais que norteiam a nossa prática pedagógica, conseqüentemente, desaguado na interdisciplinaridade tão essencial à aplicação de conteúdo. Reiteramos que, não haverá fortalecimento nas investigações postas, se não houver uma consciência plena de que para que a cultura digital seja mantida, há de ser ter a necessidade do desenvolvimento de habilidades e competências que direcionem aluno e professor para sua efetividade.

As análises dos dados permitiram à pesquisa ter, ao se trabalhar com o *blog* em sala de aula, mais uma interface de colaboração didática. Isso se justifica pela obtenção de melhorias significativas no ensino, porém nós, professores, precisamos estar em busca de conhecimento e aperfeiçoamento para que, dessa maneira, seja possível a constante evolução dentro do atual contexto. As análises referenciaram o *blog* como ferramenta importante de apoio pedagógico, por terem estabelecido condições favoráveis ao processo de ensino/aprendizagem, além de ter despertado nos alunos o senso crítico, principalmente no que dizia respeito às transformações globais e de uso da língua. O uso desses recursos tecnológicos desperta no professor motivação e interesse em criar melhorias na prática pedagógica, porém o uso dessas ferramentas exige comprometimento entre os envolvidos no processo, ou seja, devem estar direcionados a alcançar avanços e melhorias na aquisição de conhecimentos.

As tecnologias desempenharam um papel importante na prática docente realizada na escola, pois alocaram os alunos como autores do próprio conhecimento, deixando, assim, a posição de meros ouvintes e receptores passivos de informações.

Ao longo da pesquisa, há discussões que lembram o importante papel que as instituições devem desempenhar nesse processo, em especial a atenção às transformações sociais, até porque as tecnologias já estão incorporadas à sociedade. Portanto devem sempre buscar conhecimento, para que sejam evitadas possíveis substituições de valores. Com isso, a necessidade de avaliar a integração das tecnologias em seus currículos, objetivando tornar o ensino mais atrativo e eficaz, passando, inevitavelmente, pelos aspectos que tangem uma educação de qualidade, e que forneçam a seus professores uma formação que os capacite de forma sistemática para integração entre a teoria e a prática. Se isso acontecer, o ensino de língua estrangeira sairá da linha dos velhos dogmas e descréditos impostos, principalmente nas escolas públicas. Daí, cabe a nós, enquanto professores de inglês, a formulação de projetos como este, desmistificarmos esse pensamento e seguirmos as apregoações das Orientações Curriculares do Ensino Médio (2006), quando lembram que ensinar uma língua estrangeira, aliando esses conhecimentos e conceitos de cidadania a valores globalizantes e às tecnologias, dá ao processo de ensino/aprendizagem um novo sentido.

Para que essa perspectiva de ensino torne-se realidade, é necessário que o professor ofereça meios para que o aluno encontre motivação suficiente e acredite que

projetos como o que foi realizado podem, sim, proporcionar um dinamismo e uma inovação na sala de aula. Mudanças de comportamento e transformação de pensamento no processo de ensino/aprendizagem são importantes e necessários. Se assim o fizermos, teremos perspectivas positivas. Do contrário, cairemos e soçobraremos em um antagonismo definitivo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. A linguística aplicada na grande área da linguagem. In: SILVA, K.A. da; ALVAREZ, M. L. O. (Eds) **Perspectivas de Investigação em Linguística Aplicada**, São Paulo: Cortez, 2008. p. 25-31.
- BANKS, Michel A. **Blogging Heroes**. EUA: Ed. Digerati, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000. 4v.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2010.
- CORACINI, M. J. et BERTOLDO, E. S. (orgs.) **O Desejo da teoria e a contingência da prática** – Discursos sobre e na sala de aula (língua materna e estrangeira). Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- CUNHA, Eneida Leal. **Literatura Comparada e Estudos Culturais: ímpetos pós-disciplinares**, Cultrix, 2001.
- DILLENBOURG, P. *What do you mean by collaborative learning?*. In P. Dillenbourg, P. (Ed) **Collaborative-learning: Cognitive and Computational Approaches**. (p.1-19). Oxford: Elsevier, 1999.
- FABRICIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: Redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. **Por uma linguística aplicada indisciplinada**. São Paulo: Parábola, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- _____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 2^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)
- _____. **A Educação na Cidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000a.
- _____. **Carta de Paulo Freire aos Professores**. São Paulo: USP, Estudos Avançados 15 (41), 2001.

GEE, J. P. ***What Video Games Have to Teach Us About Learning and Literacy.*** New York: Palgrave/Macmillan, 2003.

GOMES, Maria J. **Blogs:** Um recurso e uma estratégia pedagógica. Portugal: Universidade do Minho, 2005.

GUTIERREZ, Susana. **Mapeando caminhos de autoria e autonomia:** a inserção das tecnologias educacionais informatizadas no trabalho de professores que cooperam em comunidades de pesquisadores, 2004. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

LEFFA, Vilson. J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, Vilson J. (Org.) **O professor de línguas estrangeiras:** construindo a profissão. Pelotas, 2001, v. 1, p. 333-355.

_____. Aprendizagem de línguas mediada por computador In: **Pesquisa em linguística aplicada:** temas e métodos/ organizado por Vilson J. Leffa – Pelotas: EDUCAT, 2006.

LEMOS, André. **Cultura das redes:** ciberensaios para o século XXI. Salvador: EdufBa, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MOITA L. L. P. **Por uma lingüística aplicada Indisciplinar,** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MONTE MOR, W. Multimodalidades e comunicação: antigas novas questões no ensino de línguas estrangeiras. **Letras & Letras,** Uberlândia, v.26 n.2 p. 469-476, julho-dez, 2010.

OLIVEIRA, Rosa. M. **Diários públicos, mundos privados:** Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade. Dissertação de mestrado, UFBA, 2002.

PALLOFF, R. & PRATT K. ***Online learning communities revisited.*** Disponível em: <http://www.uwex.edu/disted/conference/resource_library/proceedings/05_1801.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2014.

PIAGET, Jean. **Teoria da aprendizagem na obra de Jean Piaget**. São Paulo: UNESP, 2009.

STELLA, P. et TAVARES, R. **Projeto Pedagógico do Curso de Letras Inglês da UFAL: Os Letramentos em Questão**. RBLA, Belo Horizonte, disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198463982012005000013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 16 nov. 2012.

THIOLLENT, M. **Metodologia de pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

XAVIER, Antonio C. S. **A Era do hipertexto: linguagem e tecnologia**. Recife: Editora UFPE, 2009.

VIGOTSKY, L. S.; COLE, M. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZOZZOLI, R. M. D. Produção e autonomia relativa na aprendizagem de línguas. In: LEFFA, V. J. (Org.) **Pesquisa em Linguística Aplicada: temas e métodos**. Pelotas: Educat, 2006.

APÊNDICES

APENDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C. L. E.)

(Em 2 vias, firmado por cada participante voluntário(a) da pesquisa e pelo responsável)

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.

Eu,....., tendo sido convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo “As Novas Tecnologias e a formação do professor de língua inglesa: O uso de blogs como ferramenta de ensino/aprendizagem”, que será realizada no Colégio da Polícia Militar – Tiradentes e escolas circunvizinhas recebi do(a) Sr(a) *Marcos Antonio de Araújo Dias, professor e pesquisador*, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- 1) Que o estudo se destina a avaliar a tecnologia e formação crítica do professor, para que se possa trabalhar de maneira efetiva com os alunos;
- 2) Que a importância deste estudo é a inclusão digital e a incorporação das tecnologias digitais no cotidiano do professor e do aluno e fazer com que a escola possa contribuir para a democratização do acesso à informação digital e às mais variadas formas de produção e disseminação do conhecimento;
- 3) Que os resultados que se desejam alcançar são de mapear o uso das tecnologias nas escolas de bairros periféricos de Maceió; propor alternativas de trabalho por meio de blogs; implantar de forma efetiva, o uso dessa ferramenta no ensino de língua inglesa;
- 4) Que este estudo começará no dia 01 de abril de 2013 terminará em 30 de julho de 2013;
- 5) Que eu participarei do estudo da seguinte maneira: Desde a construção do ambiente (blog); selecionarei o conteúdo que será usado; realizarei entrevistas com professores e alunos que serão envolvidos na pesquisa; acompanharei de maneira satisfatória, as aulas antes e depois do uso do ambiente para apoio aos alunos, sempre coletando informações relevantes ao desenvolvimento da pesquisa até a publicação dos dados coletados; Utilizar como instrumento de pesquisa, as avaliações, questionários e postagens realizadas na medida em que a pesquisa for sendo realizada;
- 6) Fazer reuniões com pais dos alunos menores de idade para mostrar resultados do trabalho;
- 7) Que os possíveis riscos à minha saúde física e mental são: Modificação nas emoções, stress, culpa, perda da auto-estima;
- 8) Que os pesquisadores adotarão as seguintes medidas para minimizar os riscos irão sempre estar acompanhados pelos psicólogos da escola e, frequentemente irão até a sala da aula, conversar com os alunos. Além de, estarem sempre acompanhados no momento em que estiverem usando um computador;
- 9) Que poderei contar com a assistência dos psicólogos da escola;
- 10) Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação são Observa-se que aulas com recursos tecnológicos são mais interessantes e que instigam a atenção e participação dos alunos envolvidos. O uso de meios que o alunado utiliza em sua vida diária facilita a obtenção de informações, sendo que essas aulas necessitam de um planejamento prévio. além de ajudar no desenvolvimento de uma auto-imagem mais confiante e positiva nas crianças e jovens.
- 11) Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;
- 12) Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo;
- 13) Que as informações conseguidas através de minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto;

14) Que eu deverei ser ressarcido por qualquer despesa que venha a ter com a minha participação nesse estudo e, também, indenizado por todos os danos que venha a sofrer pela mesma razão, sendo que, para estas despesas foi-me garantida a existência de recursos.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e, estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dela participar e, para tanto eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço do(a) participante voluntário(a):

Domicílio: (rua, conjunto).....Bloco:

Nº:, complemento:Bairro:

Cidade:CEP:Telefone:

Ponto de referência:

Contato de urgência (participante): Sr(a):

Domicílio: (rua, conjunto).....Bloco:

Nº:, complemento:Bairro:

Cidade:CEP:Telefone:

Ponto de referência:

Nome e Endereço do Pesquisador Responsável: MARCOS ANTONIO DE ARAÚJO DIAS

End: Cj Santo Eduardo Qd 17 Edf: Santo Elias Aptº 201 – Poço – Maceió/Alagoas

Instituição: Universidade Federal de Alagoas - UFAL

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa e Ensino (COEPE), pertencente ao Centro Universitário Cesmac – FEJAL: Rua Cônego Machado, 918. Farol, CEP.: 57021-060. Telefone: 3215-5062. Correio eletrônico: cepcesmac@gmail.com

Maceió, _____ de _____ de _____

Assinatura ou impressão datiloscópica

Assinatura do responsável pelo Estudo

do(a) voluntário(a) ou responsável legal

(rubricar as demais folhas)

(rubricar as demais folhas)

As Novas Tecnologias e a formação do professor de língua inglesa: O uso de blogs como ferramenta de ensino/aprendizagem
Orientador: ProfºDrº Paulo Rogério Stella/ Pesquisador: Profº Esp. Marcos Antonio de Araújo Dias

APENDICE B – Questionário 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
 PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
 MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA
 Questionário 2

Este questionário se destina aos participantes na pesquisa “As Novas Tecnologias na Educação: O uso de blogs como ferramenta de ensino/aprendizagem. As respostas serão utilizadas como fonte de pesquisa na composição na dissertação de Mestrado de Marcos Antonio de Araújo Dias, sob a orientação do Profº Drº Paulo Rogério Stella.

- Não é necessário se identificar;

01. Qual a sua opinião sobre o aprendizado de língua estrangeira usando um blog como ferramenta?

Muito interessante pois os jovens de hoje utilizam muito a internet, e o blog facilita o aprendizado.

02. Qual o seu nível de satisfação, ao fazer uso de blogs para aprender inglês? Marque 1 para INSATISFEITO ou 5 para SATISFEITO. A escala vai de 1 até 5

(4)

03. Com que frequência vai ao cinema?

() Semanalmente

() Mensalmente

Às vezes

() Nunca

04. Qual o gênero você costuma assistir?

comédia

05. Qual a sua opinião a respeito da postagem de filmes no blog?

Muito legal, pois influencia os jovens a assistir filmes de boa qualidade e construtivo.

8) Você acessa Internet com qual interesse?

- Estudos
 Namoro
 Compras
 Notícias
 Amizades

09) Tem o costume de estudar conectado à Internet? Por Quê?

Sim, porque facilita muito
o aprendizado

10) Qual a sua opinião a respeito do uso de blogs no ensino de língua inglesa?

Muito interessante, porque o
blog muitas vezes tem uma maneira
mais eficaz e fácil de aprender, além de que
sempre tem mais informações.

11) Qual a sua opinião sobre o uso de blogs para ensino de língua inglesa?

Muito bom, pois exclui muitas coisas que
geralmente no ensino básico não "aprende-
mos" realmente.

Muito obrigado!!

Sua contribuição será muito importante para a pesquisa.

marcos.dias08 - Yahoo! M... English Fun

ENGLISH FUN!!!

By: Marcos Dias

QUARTA-FEIRA, 10 DE OUTUBRO DE 2012

É aí turma, estou disponibilizando vários sites de jogos, para que possamos aprender o idioma de forma divertida, testando seus conhecimentos:

<http://iguinho.ig.com.br/jogo-ingles.html>

<http://www.wadlands-junior.kent.sch.uk/interactive/literacy.html>

<http://www.excelgames.com.br/jogos/aprendendoIngles/>

Postado por Marcos Dias às 04:45 Nenhum comentário

Recomende isto no Google

Filme - W.E. O Romance do Século - Completo

VIRTUAL ASSISTANT

WELCOME!!

TOTAL DE VISUALIZAÇÕES DE PÁGINA: 704

TRANSLATE/TRANDUZ OR Seleccione o idioma

Captura de tela adicionada
Uma captura de tela foi adicionada ao seu Dropbox.

09:04
POR
PTB2
03/09/2014

ANEXOS

ANEXO A – Tabela das normas para transcrição (MARCUSCHI, 2003a – 2001)

Tabela das normas para transcrição (MARCUSCHI, 2003a – 2001)

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLO
1. Indicação dos falantes	Os falantes devem ser indicados em linha, com letras ou alguma sigla convencional.	L1 Doc.
2. Pausas	Até 6 segundos, são usadas cruzinhas. A partir de 6 segundos, é feita a indicação do tempo.	(++) (++) (10.75)
3. Silabação	Usa-se o hífen para marcar o fato.	en-ten-der
4. Interrogação	?	L5 – porque devo voltar agora?
5. Segmentos incompreensíveis ou ininteligíveis	()	
6. Comentário do transcritor	(())	((não ficou claro o que foi dito))
7. Ortografia		Tô, tá, ah
8. Marcação de alongamentos vocálicos	Utiliza-se o sinal de dois pontos após a sílaba alongada, ou seja, : para alongamentos breves, :: para alongamentos médios e ::: para longos.	L4 – e::u?
9. Marcação de sobreposição de vozes	Indica que dois falantes produziram aquele segmento ao mesmo tempo. É indicada com um colchete.	L4 – tá certo painho::. L4 graças a deus. [L2 graças a deus.
10. Marcação de entoação	Adotam-se setas: ↑ para entoação ascendente, ↓ para entoação descendente e → para entoação constante.	L4 – tá certo painho ↓
11. Marcação de cortes sintáticos bruscos	Indica-se com uma barra.	L1 – João Manoel vai/::[...].vai buscar um feixe de lenha pra fazer fogo...
12. Marcação de elevação do tom	É marcado com a escrita em MAIÚSCULA	L1 – maRIA, maRIA, acorda maria.

ANEXO B – Produção textual de aluno 1

1. Estados Unidos X Brasil

Os Estados Unidos, por si só, é um país que preocupa-se com o povo, ele elabora planos para a sociedade investindo na saúde, educação e segurança. Os (EUA) não é um país perfeito, mas se faz um país de boa qualidade, garantindo para as pessoas um bom lar, como por exemplo o Central Park, um parque grande e bonito que os visitantes e turistas se sentem confortáveis e bem acolhidos, por suas belezas noturnas e sua boa infra-estrutura. Também investem no turismo e na cultura, atraindo turistas de todo o mundo nas belas cidades, com seus monumentos diferenciados, como os museus, parques, o Times Square, grandes prédios, belas praias e nos costumes.

Já no Brasil, a realidade é bem diferente, por muitas vezes abandonado pelos representantes, que em vez de se preocupar com as belezas, saúde, cultura, turismo e boa qualidade em tudo, não investem em quase nada, fazendo que o país fique pobre e abandonado. O Brasil, por exemplo, tem um grande potencial para o turismo, porém existe um órgão responsável pelo esporte e o turismo, que investe muito mais no esporte deixando o turismo de lado.

Como país deveria ser mais cuidado e reconhecido, não reconhecido como um país qualquer, deveria ser um belo país, mas para isso acontecer, terá que acontecer uma grande revolução Brasileira, para sair do estado que se encontra, para que um dia venha ter qualidade.

ANEXO C – Produção textual de aluno 2



The United States is a developed country, but not because of it. Without its problems, being a developed country, the die is low birth. This runs because of the level of education of the population. The more people grow professionally, less chance one has to have children. With this, much of the American population is eventually formed by elderly.

Brazil is an underdeveloped country, has some different issues. Regarding the United States as Brazil, still in development, the level of education is lower because of this, the birth of Brazilians die is. To the Americans, the number of people who are seeking employment also increases and this person ends up looking for jobs in other countries, countries that receive one of these people is the United States, so the country was just filling a need for young people to work with it, a potent developed help an underdeveloped country.

ANEXO D – Produção textual de aluno 3

SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
<input type="checkbox"/>					

____/____/____

While many political struggle in Brazil, working for the good of themselves own, having no interest in the population, so favoring their relatives, leaving most without safety, health and education among others.

So what is seen every day in print media such as newspaper, tv and internet being corrupt without impunity. Whereas in other countries such as England politicians struggle for the country to grow ever more securely, showing efficacy and education to address the people, that education is one of the most traditional and effective in encouraging the growth structure able to impress it's visitors the country.

Politicians like Margaret Thatch who administered between 1979-1990 being the first woman to assume a political office so high.

Upon assuming power is caus found a country as a political and financial Administration as a deficiency. During eleven years, worked hard to raise the country which today come from a country in the decadence of the great powers of the world.

Corruption exists but when discovered are punished severely without benefits as we saw in Brazil.

ANEXO E – Produção textual de aluno 4

O filme fala sobre a história de Margaret Thatcher, que foi a primeira mulher que ocupou o cargo de Primeira-Ministra da Grã Bretanha. A mesma enfrentou vários preconceitos, por ser uma mulher que se dedicava a política. Desde o início da sua carreira fazia parte do Partido Conservador, quando em 1959 ela passou a ocupar uma das cadeiras na Câmara dos Comuns. Com grande esforço e passarem por cima do preconceito ela se tornou Secretária de Estado para assuntos Sociais e Ministra da Educação, no mandato de Heath, e depois se tornou a líder mais radical do Partido.

Thatcher durante seu mandato implementou um programa que reduzia a intervenção estatal e um programa de privatizações, e assim levando a insatisfação dos britânicos, pois com a implantação do programa, ela teve que reduzir os serviços sociais, queria acabar com a venda de remédios, e houve o aumento do desemprego. Foi em 1979 com Primeira-Ministra, começou a austeridade administrativa, por outro lado a inflação galopar durante seu mandato, e como consequência reduziu o salário mínimo e aumento do desemprego.

Ela enfrentou um declínio na economia e fortes questionamentos sobre sua política social, Thatcher teve na Guerra das Malvinas a oportunidade de reverter o cenário nebuloso em que estava. Com todo seu esforço ela conseguiu a popularidade e elevados índices de aprovação.

Atualmente, Margaret se encontra afeta e sofre de uma doença, Alzheimer, em que o filme também mostra. É ela foi casada com Denis, que era o seu incentivador.

ANEXO F – Produção textual de aluno 4

O discurso do Rei.

George desde os 4 anos de idade, ele não consegue se livrar de constrangimentos que sempre acontecem quando ele vai discursar. Pressionado pelo pai e pela corte, ele procura vários especialistas, mas nada dá certo.

Então sua esposa, Elizabeth, o convence a tentar um novo tratamento com um foncaudiólogo nada convencional.

No início, o príncipe resiste à terapia, mas aos poucos, quando sente os primeiros resultados, vai cedendo e abrindo espaço para uma melhor convivência com o terapeuta. Ao mesmo tempo, seu irmão mais velho vive uma situação inusitada na história da realeza britânica; apaixonado por uma norte-americana que tinha se separado a pouco tempo, ele cede aos seus caprichos e aos poucos vai deixando suas responsabilidades perante o trono, que tinha assumido após a recente morte de seu pai.

O governo inglês vive um momento difícil justamente num dos períodos mais conturbados da história, os dias que antecedem a Segunda Guerra Mundial, pois Hitler avança cada vez mais, ameaçando a Europa. George sabe que chega a hora mais importante de sua vida "o discurso". A caminhada até o microfone parece até a caminhada de um condenado em direção a morte. Todos que estão neste caminho olham meio torto para ele, pois sabem do seu problema e a importância do que irá dizer. É um garço que tem que falar com firmeza e confiança para tranquilizar uma nação além de provar que tem capacidade de ser rei, ganhando respeito.

ANEXO G - Transcrição da entrevista cedida pelo aluno L1

Teac: So, Hi, student!

L 1: Hello!

Teac: What do you think about technologies in teaching/learning English?

L1: Technologies are important, because the students (++) change the (++) change? And (++) you (++) to the movies in a blog (++) techonologies is important because is so easy to (++) quick. Ah (++) is fun, and (++) school but students that (++) is Facebook (++) And I think blog is important because (I don't remember the word) (++) the distance (++) so

Teac: So? Ok! Ok! Don't worry!

L1: Ok, ok! Because I got talk the movies.

Teac: Yes, You can talk.

L1: I like because the movies ehshhhhhh (+)

Teac: The movies was...?

L1: The system, psychologist and... story and we don't know say / / I see "The Speech of King" and I see / / all system government.

Teac: Did you observe the difference about the culture between Brazil and England?

L1: SO MANY DIFFERENCES! This government, the socialty / / socialty? Teahcer, socialty?

Teac: Society.

L1: The peoples, they form of thing ok King, the peoples of power of difference (++) is a pleasure to see the picture of King.

Teac: Ok, So... Do you think blog helped you?

L1: SO MUCH! Is so easy is so funny and I like so much... (laugh)

ANEXO H - Transcrição da entrevista cedida pelo aluno L2

Teac: Hi!

L2: Hi!

Teac: What do you think about use of Technologies in learning/teaching English?

L2: *So (++) the new Technologies starts with the cellphone, the cellphone (++) eh (++) all the phone have apps que (++) which makes the learning of english.*

Teac: Ok!

L2: ... () my friend Igor (++) he has a cellphone of have na (++) android system, that system can download by internet a system of makes you learn () for english, for example, the (++) I am using the english to learn, learn new languages, for example, now, I'm learning German, the German I'm not learning by the portuguese, I'm learning by the english, for example, I have to traduce for the german to the english or to the english to the german. In this way I make stronger my german language and my english language (++).

Teac: Ok! Very well! And what about the movies?

L2: ... The movies makes that () stronger, the language, principally watching subtitles was in that way of I learning English I don't learn English in any type of school of course, but I learn English watching movies with subtitles, playing videogames with subtitles, was in that way of the technology entered in my life and make me learn English.

Teac: Ok! Very good! Did you remember about the movies in the blog?

L2: So, I don't entered in that blog very times, but sometimes I entered in that blog I can use of have some How I gonna say? Games? Of makes you exercise your language by have the base of Portuguese That blog have principally some movies of you have... sent to me () () In England is more / / but in USA have / / How I gonna say ()? Very changes, for example the words, but I learn language in that blog but in games is how I learn.

Teac: Ok, thank you very much!

ANEXO I - Transcrição da entrevista cedida pelo aluno L3

Prof: O que você achou do blog? Contribuiu ou não contribuiu para o aprendizado de língua inglesa?

L3: Contribuiu porque quando a gente tinha dúvidas na sala de aula e... conferia lá... no blog que os assuntos, os filmes aí tirava as dúvidas.

Prof: Certo! Você lembra que postei alguns filmes no *blog* e você acha que contribuiu para o ensino? Você aprendeu mais inglês?

L 3: Simmmm! Foi bom porque deu para conhecer um pouco da cultura dos outros países..

Prof: Postamos no blog dois filmes, O discurso do Rei e A dama de ferro para fazer um contraponto com a cultura brasileira e o que você achou desse intercâmbio?

L 3: Eh...(++) pra diferenciar uma cultura da outra.

Prof: Mas você acha que contribuiu de fato para melhorar o seu inglês? Pra aprender um pouco mais sobre a cultura?

L3: Sim! Porque os filmes sempre ajuda a aprender novas palavras em inglês.

Prof: Mas você acha que foi importante para melhorar seu inglês?

L4: Sim, porque o filme sempre() ajuda a aprender novas palavras em inglês.

Prof: E a respeito do professor que usa tecnologia na sala de aula?

L3: É bom (++) que ajuda (++) porque se ficar na gramática, gramática, gramática a pessoa não entende muito bem (++).

Prof: Sai da rotina né? O professor tem que ser mais... [L 3: Trazer mais tecnologia]. Tem que usar é isso?

L 3: Tem ajuda muito inda () mais a parte do blog que ajuda pra poder tirar as dúvidas que a pessoa tem.

Prof:Tá bom! Muito obrigado pela sua contribuição.

ANEXO J - Transcrição da entrevista cedida pelo aluno L 4

Prof: Oi, tudo bem?

L 4: tudo!

Prof: Quero saber se realmente o uso do blog auxiliou você na... no... aprendizado de língua inglesa?

L 4: Assim (+++) melhorou muito (++) porque como o senhor disse, a gente tinha a última aula na semana que a gente passava o dia todo no colégio, então quando chegava na última aula, eu tava cansada, todo mundo tava cansado sem prestar atenção direito e no sábado eu chegava, entrava no *blog* e tava lá a postagem de todo conteúdo (++) aí eu ia lá lia o assunto, via e aprendia mais, então ajudou muito.

Prof: O professor que faz uso das tecnologias nas aulas torna a aproximação da língua inglesa mais efetiva?

L 4: Aproxima porque o estudante hoje passa muito tempo na Internet via Facebook entre outras coisas, então não tem porque (++) ele tava também utilizando a *internet* na rede social, ele “ia pro” blog, porque era isso que eu fazia olhava o *blog*, aprendia o assunto, via os filmes as postagens e entre outras coisas, por isso que o *blog* me ajudou muito

Prof: Você acha que seu inglês realmente () se você fizer uma comparação realmente melhorou seu interesse pela língua inglesa aumentou?

L 4: Aumentou porque tinha coisa que eu não conhecia e não prestava tanta atenção no inglês porque eu odiava o inglês e depois com a ideia do blog eu fiquei mais atenta porque eu ia lá quando não tinha () nada () pra fazer eita vou lá no blog do Prof Marcos aí eu ia lá olhava aí tinha os jogos que eu aprendia as palavras em inglês tinha os filmes como A dama de ferro que o Sr postou tinha lá os assuntos então pra mim foi a melhor coisa.

Professor: Muito bom! Tem algo mais a falar?

L 4: Não não

Prof: Obrigado!